

**AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA - ISE
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E
RESPECTIVAS LITERATURAS**

**O CONDICIONAMENTO HUMANO NA OBRA ADMIRÁVEL MUNDO
NOVO DE ALDOUS HUXLEY**

Autor: Emerson Carlos Tezollin

Orientador: Prof. Adilson Vagner de Oliveira

JUINA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

**O CONDICIONAMENTO HUMANO NA OBRA ADMIRÁVEL MUNDO
NOVO DE ALDOUS HUXLEY**

Autor: Emerson Carlos Tezollin

Orientador: Prof. Adilson Vagner de Oliveira

“Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras – Habilitações Português/Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto Superior de Educação da AJES, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras”.

JUINA/2011

AJES – INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Claudio Silveira Maia

Prof. Esp. Josimara Diolina Ferreira

ORIENTADOR

Prof. Adilson Vagner de Oliveira

AGRADECIMENTOS

Ao verdadeiro Mestre, Deus. A minha Santa Protetora Nossa Senhora Aparecida. Aos meus pais que sempre me apoiaram e me incentivaram a estudar (*in memoriam*).

Aos meus irmãos e cunhados que me auxiliaram em tudo o que eu precisei e me aguentaram durante três anos em seus lares.

A meus professores que durante o curso me ensinaram muito mais do que metodologias e conteúdos me deram lições de vida: Professor Doutor e Coordenador do Curso de Letras Claudio Silveira Maia, Professor Doutorando Rafael Eisinger Guimarães, Professora Especialista Katia Freitag, Professora Doutora Rosangela M. Mantolvani, Professor Mestre Djalma Gonçalves Ramires, Professor Doutor Francisco Curbelo Bermudes, Professores Mestres Nilton e Marília, Professora Doutora Solange Raquel Weber e especialmente ao meu Professor Orientador Adilson Wagner de Oliveira.

A “galera do fundão”, pessoas incomparáveis e insubstituíveis. Também a Josiane A. Belmar, que com sua perseverança, dedicação e carinho acabou me convencendo a voltar estudar e também esteve ao meu lado nos momentos em que eu realmente necessitava de um amigo. Valeu gente!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao Grande Deus por ter me dado inteligência e capacidade. A meu pai e minha mãe que sempre foram tudo para mim (*in memoriam*).

EPÍGRAFE

“Para onde foi Deus? Quero dizer-lhes! Nós o matamos – vós e eu. Deus está morto!... A grandeza desse ato não é demasiado grande para nós? Não temos de converter-nos em deuses, para parecermos dignos desse ato?”

Friedrich W. Nietzsche

Cada século trazia a sua porção de sombra e luz, de apatia e de combate, de verdade e de erro, e o seu cortejo de sistemas, de idéias novas, de novas ilusões; em cada um deles rebentavam as verduras de uma primavera, e amareleciam depois, para remoçar mais tarde. Ao passo que a vida tinha assim uma regularidade de calendário, fazia-se a história e a civilização, e o homem, nu e desarmado, armava-se e vestia-se, construía o tugúrio e o palácio, a rude aldeia e Tebas de cem portas, criava a ciência, que perscruta, e a arte que enleva, fazia-se orador, mecânico, filósofo, corria a face do globo, descia ao ventre da Terra, subia à esfera das nuvens, colaborando assim na obra misteriosa, com que entretinha a necessidade da vida e a melancolia do desamparo.

Machado de Assis,

Memórias Póstumas de Brás Cubas, 1881.

RESUMO

A obra *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley aponta de forma assombrosa o perfil de uma sociedade governada por um regime totalitário em um futuro não distante do nosso. A cidade é Londres, Inglaterra, e o ano é aproximadamente 2495 d.C. algo como 632 d.F. No livro, Huxley vislumbra um contexto onde o ser humano se tornou apenas peça do corpo social, gerado em laboratório, recebe uma educação voltada ao interesses estatais. Normas sociais são implantadas psicologicamente através de técnicas de condicionamento. A divisão de classe e trabalho é específica, nas quais permanecem por toda vida. Ford foi o criador desse modelo social e era adorado como Deus. A ciência foi usada como método de controle humano e esse arquétipo visava à completa estabilidade social. Considerada a sociedade perfeita e admirável, onde tudo funcionava, era estabilizada e inalterável. A distopia descrita pelo autor alerta sobre os riscos de uma evolução científica desumanizadora, que subverte os valores pessoais e sociais, transformando o ser humano em uma máquina.

Palavras chave: Sociedade. Futuro. Estado totalitário. Condicionamento. Estabilidade.

ABSTRACT

The book *Admirável mundo novo* by Aldous Huxley points in a stunning way the profile of a society ruled by a totalitarian regime in a not too distant future. The city is London, England, and the year nearly 2495 A.D. is something like 632 A.F. In the book, Huxley presents a context where human beings have just become part of the social body, generated in the laboratory, receives an education focused on state interests. Social norms are deployed through psychological conditioning techniques. The division of class and work is specific, in which they remain for the whole life. Ford was the creator of this social model, and was worshiped as God. Science was used as a human control method and that archetype aimed at the complete social stability. Considered the perfect and admirable society, where everything worked, was stable and unchanging. The dystopia described by the author warns of the risks of a dehumanizing scientific evolution, which undermines social and personal values, turning human being into a machine.

Keywords: Society. Future. Totalitarian State. Conditioning. Stability.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E O FUTURO DA SOCIEDADE	11
1.1. Antes de Ford. Depois de Ford.....	13
1.2. Comunidade e divisão de classes.....	15
1.3. Controle da natalidade	17
1.4. Divisão do trabalho.....	18
1.5. Formas de ensino: Escolas x Hipnopedia	20
1.6. Controle totalitário do Estado	23
1.6.1. Condicionamento e predestinação.....	25
1.6.2. O condicionamento Pavloviano e a Hipnopedia como forma de educação em massa	28
1.6.3. Condicionamento x Violência	34
1.6.4. O condicionamento em “ <i>A laranja mecânica</i> ”, de Anthony Burgess	34
1.6.5. A estatização dos meios de comunicação	37
1.6.6. Sexualidade e família	39
1.6.7. Religião	45
1.6.8. Utilidade do indivíduo após a morte.....	45
1.7. O processo Bokanovsky como forma de igualdade.....	47
1.8. Para o problema das drogas: o <i>soma</i>	47
1.9. Para a questão das doenças: saúde até o fim da vida	49
O DEUS AGORA É FORD	52
2.1. <i>Admirável mundo novo</i> : Utopia ou Distopia?	54
CHOQUE DE CULTURAS: UM SELVAGEM NA CIVILIZAÇÃO	57
3.1 O suicídio como solução	60
SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO: REALIDADE E FICÇÃO	61
CONCLUSÃO	66
GLOSSÁRIO	68
REFERÊNCIAS	69

INTRODUÇÃO

Algumas obras literárias apresentam previsões fictícias em que autores descrevem sociedades baseadas no controle totalitário do Estado. Essas narrações assemelham-se a modelos de governos que começaram a tomar forma no interstício dos dois grandes conflitos mundiais, destaque para o Nazismo, o Fascismo e algumas ditaduras comunistas que aderiram a regimes parecidos com o apresentado no romance *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley. Fazendo uso de tecnologia e informação, essas lideranças buscavam o controle absoluto de seu povo. Visando o poder supremo, alguns governantes provocaram guerras terríveis e a perda de milhares de vidas para alcançar seus objetivos. Porém, nesta obra futurista, que é motivo de estudo, a violência não foi o meio empregado para dominar o povo, e sim o condicionamento. Conhecimento em vez de força. Todo o governo

O livro *Admirável Mundo Novo* foi publicado em 1932 pelo escritor inglês Aldous Huxley e enquadra-se em uma categoria de obras chamadas de “distopias”. As distopias (do grego “dis”, “dificuldade, privação” + “topoi”, “lugar”) são narrativas que retratam organizações sociais estabelecidas em um futuro, próximo ou distante, que se caracterizam por condições de vida insuportáveis, extremamente opressivas e totalitaristas. Com o objetivo de criticar a sociedade atual, as narrativas distópicas, também conhecidas como antiutopias, apresentam os avanços científicos e tecnológicos como ferramentas de controle a serviço do Estado ou de instituições, apresentando o progresso científico como algo negativo. Huxley denuncia em sua obra os aspectos desumanizadores do progresso científico e material e descreve um futuro não muito distante, onde o livre arbítrio deixa de existir e tudo passa a ser controlado pelo Estado, que passou de político para científico. Seres humanos gerados em laboratórios, condicionamento e predestinação são implantados como forma de controle social. Valores como família, religião e cultura foram extintos.

Para a análise de fatores sociais e psicológicos da obras foi necessário aprofundar a pesquisa em busca de conceitos e inferências a respeito das normas e regras convivência em comunidade e atitudes ou próprias do ser humano.

Outro ponto crucial que será estudado ao longo deste trabalho científico será o avanço da ciência e as discussões éticas em relação a esse progresso, avaliando os efeitos benéficos ou não ao homem e ao seu modo de vida, bem como a influência da área científica no campo político e governamental.

Tendo como referência autores futuristas, como Bradbury, Toffler, Orwell e gênios do passado como Platão, e ainda artigos e livros sobre sociologia e psicologia busco fazer um diagnóstico sobre a sociedade do *Admirável mundo novo*, analisando as regras, conceitos e ações adotadas pelo governo para administrar seus cidadãos, onde o conceito social foi invertido e ao invés do Estado ser feito para o homem, o homem que era feito para o Estado.

ADMIRÁVEL MUNDO NOVO E O FUTURO DA SOCIEDADE

No coração do mundo da ciência sólida, a modernidade vagueia livre. (Anthony Giddens, *As consequências da modernidade*).

Vários autores e sociólogos descrevem ou tentam prever diversos modelos sociais vindouros. Usando da ficção ou da pura realidade, criam formas de governo e modelos de sociedades absurdamente diferentes ou de certa forma semelhantes a nossa.

Alvin Toffler é um dos mais lúcidos e aclamados pensadores sociais, pois possui um discurso inovador e uma notável visão do futuro. Ele influenciou em muito o pensamento contemporâneo. O mesmo não se considera um visionário e diz que apenas analisa a sociedade atual e suas possíveis futuras transformações. “Não sou utopista” comenta o autor em seu livro *Previsões e premissas* (1983, p. 47), e insiste “fui erroneamente chamado de utopista” (p. 171), e diz que “eu sou sem dúvida alguma um crítico social, e não um prognosticador neutro” (p. 191). Segundo Toffler (1983, p. 191), o futuro não pode ser proposto como uma linha reta, “não há um único futuro à nossa espera – mas apenas várias possibilidades múltiplas.” Na verdade, essa idéia de futuros múltiplos instiga visionários e escritores que preenchem nossa imaginação com uma variedade de histórias que ainda não aconteceram. Com base nessa idéia, o autor sugere duas imagens contrastantes sobre nosso futuro embora, segundo ele, a maioria das pessoas acredite que o mundo que conhecem durará indefinidamente. A primeira previsão consiste em uma visão sombria do futuro, com grandes conflitos, destruições e mudanças catastróficas, o próprio *Armagedon*. A segunda prega que nossa sociedade enfrentará grandes turbulências, que afetarão as maneiras como vivemos e trabalhamos, pensamos ou nos divertimos, mas que será um salto positivo para um mundo sadio e desejável. O certo é que a sociedade vindoura trará um novo conceito sobre civilização, com concepções e maneiras próprias de lidar com o tempo, o espaço, a lógica e a relação de causa e efeito, bem como seus princípios políticos, onde o Estado exercerá um papel imprescindível na administração do seu povo. (TOFFLER, 1997, p. 20-21)

Segundo Menezes (2005, p. 48), o “Estado é uma sociedade de homens, fixada em um território próprio e submetida a um governo, que lhe é originário.” Porém, as concepções dos autores de ficção futurista, trazem pontos de vista nada democráticos sobre o Estado do futuro, nelas o poder é de fundo totalitário e unem várias doutrinas, que levam sempre a superentidade estatal, pois indicam a assimilação total do homem pelo estado, quer seja em uma classe, quer seja em uma raça, debaixo de sua autoridade unipessoal. Conforme o próprio Menezes (2005, p. 128), as principais características dentro deste modelo estatal são a concentração de poder na mão de uma pessoa, um único partido que educa e doutrina o cidadão, a classe operária e o estatismo propriamente dito, imposto pelo nacionalismo falso ou exagerado e de cunho racista.

Autores futuristas como Alvin Toffler, Ray Bradbury e Aldous Huxley preconizam várias possibilidades de futuro para nossa sociedade, tratando sempre de temas relacionados ao estado versus sociedade e controle da informação. Porém, nenhum foi tão longe como Huxley, que previu o controle da engenharia genética pela ciência humana e a clonagem de seres vivos, incorporando a isso, um complexo e poderoso trabalho de condicionamentos psicológicos e sociais como forma de controle totalitário e manutenção da ordem. NOGUEIRA (2005, p. 182) afirma que no campo das utopias e das apostas em determinados desenhos de futuro do Estado é mais fácil inferir teorias ao discurso dominante em detrimento ao discurso do sistema.

Capturado por um léxico polissêmico, politicamente condicionado e muitas vezes enviesado, o conceito de Estado passou a vagar por um oceano de mitos, monstros, fantasmas e imprecisões, ficando ainda mais “intransparente” e seguramente bem mais disponível para abordagens ou manipulações reducionistas. (NOGUEIRA, 2005, p. 182).

Corroborando no que concerne aos diferentes modelos estatais, Lakatos e Marconi (1990, p. 309) citam o Movimento Utópico como sendo o que mais tem relação com o arquétipo proposto por Huxley em sua obra, o de uma sociedade perfeita. Segundo os autores, esse movimento

Consiste na tentativa de criar um contexto social ideal para um grupo de seguidores geralmente pouco numeroso. Historicamente, derivam da

sociedade descrita por Thomas More em sua *Utopia*. Entretanto, escritores anteriores e posteriores a More apresentavam sociedades perfeitas: *A República*, de Platão; *A cidade de Deus*, de Santo Agostinho; *A cidade do sol*, de Campanella; *Walden II*, de Skinner. (LAKATOS; MARCONI, p. 309, 1990).

Para o governo do novo mundo de Huxley, o modelo social implantado era o ideal, perfeito, pois não havia surpresas, tudo era estável. Nada saía fora previsto, o estado detinha o destino de todos em suas mãos e os manipulava conforme lhe convinha.

Porém não podemos nos esquecer que a sociedade é heterogênea e dinâmica e está em contínuo processo de transformação, não se podem prever ao certo quais rumos ela tomará, também ela não é uma ciência exata, ela é flexível, variável e mutável, embora autores do mundo todo façam uso das especulações sobre o destino da humanidade para compor grandes obras literárias com previsões sobre os novos rumos e definições que Sociedade e o Estado terão futuramente, bem como afetarão a vida dos cidadãos que viverão essa época, é impossível antever o rumo que o meio humano em que as pessoas estão integradas tomará.

1.1. Antes de Ford. Depois de Ford.

A história narrada por Aldous Huxley em *Admirável mundo novo* se passa no ano de 632 d.F. (depois de Ford). Se considerarmos o ano de 01 d.F. como 1863, ano do nascimento de Henry Ford (o criador da linha de montagem que é tratado como Deus nesse novo contexto social), temos portanto o ano de 2495 aproximadamente. Tudo nessa sociedade futurista é relacionado à Ford, até o marco da religião cristã, a cruz, teve a parte de cima cortada, dando lugar ao novo símbolo: o T, referência ao *modelo T*, marco da produção em série criado por Ford em 1908. (BARTOLOMEU; PREVIDE, “Eutopia” e “Distopia” no *Brave New World*, de Aldous Huxley, p. 02).

Nessa concepção o estado passou de político para científico e agora domina de forma totalitária toda a sociedade. Conforme o conceito de Lakatos e Marconi (1999, p. 196) a ideologia totalitária caracteriza-se pela demasiada centralização de funções e poderes bem como a forte intervenção do Estado nas relações sociais,

onde a liberdade individual é mínima e o controle estatal é máximo. No *Admirável mundo novo* a coerção foi utilizada como forma de manter um forte vínculo do indivíduo com a ordem social estabelecida, pois assim eles não reagiriam contra o modelo imposto e nem buscariam derrubá-lo. A intervenção do estado era total.

Durkheim coloca a moral como o fator primordial para unir ou manter unida uma sociedade, segundo ele quanto maior o grau de moral, maior o equilíbrio e a estabilidade desta sociedade.

Assim, para fazer o indivíduo submeter-se a ela de boa vontade, não é preciso recorrer a nenhum artifício; basta fazê-lo tomar consciência de seu estado de dependência e de inferioridade naturais - quer ele faça disso uma representação sensível e simbólica pela religião, quer chegue a formar uma noção adequada e definida pela ciência. Como a superioridade que a sociedade tem sobre ele não é simplesmente física, mas intelectual e moral, ela nada tem a temer do livre exame, contanto que deste se faça um justo emprego. A reflexão, fazendo o homem compreender o quanto o ser social é mais rico, mais complexo e mais duradouro que o ser individual, não pode deixar de revelar-lhe as razões inteligíveis da subordinação que dele é exigida e dos sentimentos de apego e de respeito que o hábito fixou em seu coração. (DURKHEIM, 1999, p. 124).

Essa dependência e inferioridade (ou superioridade) são implantadas nos cidadãos do admirável mundo através do condicionamento (científico) e não como fazem os governos atuais, de através da violência ou do medo.

O lema da Revolução Francesa era “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”, já este novo modelo social descrito por Huxley adotou uma ideologia diferente: “Comunidade, Identidade, Estabilidade”, onde o indivíduo ao invés de livre seria parte fixa da sociedade e esta seria organizada como um único organismo em busca do progresso. A identidade seria única, porém interligada aos demais membros da comunidade e subordinada a casta a que pertencia, uma célula do corpo social, descartável e substituível, e assim a estabilidade seria alcançada através da ordem e da subordinação, em detrimento dos valores fraternais e da solidariedade entre os indivíduos de uma mesma comunidade.

A crítica comparativa se faz através de uma paródia do lema francês, que a buscou no Iluminismo, e baseia-se na troca das palavras que passam a ter novo sentido, descrevendo a ideologia social agora implantada, onde o indivíduo só tinha

importância porque era uma peça, com funções predestinadas a exercer na grande máquina que era a sociedade.

1.2. Comunidade e divisão de classes

O conceito de comunidade é relativamente sociológico. Para Nisbet (Apud Foracchi e Martins, 2004, p. 215) “O conceito mais fundamental e de mais largo alcance dentre as idéias-elementos da Sociologia é o de comunidade.” Ainda segundo o mesmo autor

A comunidade forma o elemento denotativo da legitimidade em associações tão variadas como o Estado, a Igreja, o sindicato, o movimento revolucionário, a profissão e a cooperativa. [...] O termo abrange todas as formas de relacionamento caracterizadas por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral, coerção social e continuidade no tempo. (NISBET, Apud FORACCHI; MARTINS, 2004, p. 215).

Baseado num conceito diferente de comunidade, o modelo fordiano consistia em tornar o indivíduo essencial para o conjunto, porém ao mesmo tempo, dispensável, substituível, como uma peça que poderia ser trocada caso desse defeito e, após a troca por outra, a corporação voltaria a funcionar perfeitamente. Esse modelo é idêntico ao processo de produção na Revolução Industrial, onde o homem é confundido com a própria máquina. Nos dois casos o homem trabalharia não para si ou para seu benefício, mas para o melhoramento da sociedade em geral ou para o enriquecimento do patrão, respectivamente. A diferença é que nessa sociedade futurista, mesmo sendo baseada no capitalismo, não havia competições individuais, todos trabalhavam para o desenvolvimento comum, ou seja, da comunidade e o “patrão”, que era o Estado não previa somente lucros, também visava a estabilidade, a completa manutenção da ordem.

Huxley também descreve um cenário onde a massificação foi levada ao extremo. Partindo de uma conjuntura totalitária onde algumas pessoas dominariam o mundo e controlariam toda a máquina social enquanto que o restante seria submetido ao regime soberano do estado, o autor apresenta a divisão social neste

modelo que, como o autor sugere, foi fundado por Ford, e seria dividido da seguinte forma: pouco mais que sete Administradores Mundiais, um Diretor de Incubação e Condicionamento para cada grande centro urbano, cientistas suficientes para manter a produção, a predestinação e o condicionamento dos seres humanos e um Administrador para cada cidade seriam suficientes para governar o mundo. Formava esse “governo”, os poucos indivíduos da classe Alfa, ou seja, a classe superior, a classe alta da sociedade. Eles detinham o poder e a informação, eram também os mais inteligentes. Abaixo vinham os Betas, assistentes, inferiores aos Alfas, possuíam um elevado grau de inteligência, porém limitada. Os Gamas e os Deltas eram responsáveis por desempenhar funções braçais, onde grande sabedoria não era necessária, esta classe era formada por trabalhadores das indústrias, produtores de matéria-prima, etc. A casta dos Ípsilons era a inferior e continha toda a massa de seres deformados, com a parte física defeituosa e com baixo Q.I. Também chamados de Semialeijões esses embriões tinham sofrido algum dano durante o processo de formação, não tinham função social, serviam para qualquer coisa e só executam funções simples a que, devido suas limitações, eram predestinados. Trabalhavam como ascensoristas e carregadores. Esta era a divisão de classes e segundo o estado novo era o modelo considerado ideal. Uma minoria no comando e a maioria servindo a seus interesses, trabalhando.

– A população ótima – disse Mustafá Mond – obedece ao modelo do iceberg: oito nonas partes abaixo da linha de flutuação e uma nona parte acima dela. (HUXLEY, 2009, p. 341).
Preferimos conservar um terço da população trabalhando na terra. (HUXLEY, 2009, p. 343).

Porém o trabalho não foi abolido e mesmo com tantos avanços científicos e tecnológicos, Huxley manteve o homem na linha de produção. Isso por que, explica Bartolomeu e Previde, que se somente máquinas produzissem não haveria ocupação para os seres humanos e estes sem serviço, não ganhariam o dinheiro com que alimentariam o mercado consumista, pois para a economia o ser humano é mais importante como consumidor do que como trabalhador.

Ainda conforme os autores, inferem que Huxley vislumbrou uma sociedade suficientemente desenvolvida capaz de criar “servomecanismos” por meio da engenharia genética e não por meio da mecatrônica. Isso se deve ao fato de que

produzir massas humanas seria mais vantajoso para a economia consumista, além de custar mais barato para o estado do que investir em robôs, que não consumiriam nada e não davam lucro ao estado. (BARTOLOMEU; PREVIDE, “Eutopia” e “Distopia” no *Brave New World*, de Aldous Huxley, p. 08).

1.3. Controle da natalidade

O controle da população já era motivo de discussão na Grécia Antiga onde Platão (2010, p. 155-156) cogita o infanticídio como forma de manter a pureza da raça dos guerreiros e o número de cidadãos do estado imutável. Porém, Huxley não cita qualquer conceito de eliminação humana através homicídio em sua obra, o trabalho de controle de natalidade é feito pelo estado nos Centros de Incubação e Condicionamento, que manipulam a quantidade e qualidade dos cidadãos desde a embriogênese. A população permanecia em número permanente, não aumentando demasiadamente nem diminuindo bruscamente.

A cifra populacional mundial apresentada no livro de Huxley de dois bilhões de pessoas é considerada ridícula para Bartolomeu e Previde ([?], p. 03), pois segundo os autores, agora contamos com quase sete bilhões de habitantes e então de nada havia adiantado os métodos de produção em massa de indivíduos, através do Processo Bokanovsky e da Técnica de Podsnap. Só que a grande preocupação na utopia futurista de Huxley era com a estabilidade do estado e dessa forma, num mundo com menos habitantes torna-se mais fácil o domínio absoluto. Também a pré-divisão de classes e o condicionamento para que seguissem sua “programação” teriam melhores resultados se aplicados a indivíduos selecionados.

Ainda segundo Bartolomeu e Previde (“Eutopia” e “Distopia” no *Brave New World*, de Aldous Huxley, p. 04), os Centros de Incubação e Condicionamento fariam tanto a eugenia quanto a disgenia.

O romancista inglês tinha a intenção de desqualificar qualquer conceito de eugenia, erroneamente associado ao nazismo, e por isso imaginou o *Central London Hatchery And Conditioning Centre* (Centro de Incubação e Condicionamento de Londres Central), uma organização monstruosa que faria, na verdade, uma mistura de eugenia e disgenia. Eugenia para as

castas superiores (Betas e Alfas); para as demais, “processo de Bokanovsky”, “técnica de Podsnap”, “hipnopedia” e “condicionamento pavloviano”, até que restasse apenas uma massa de seres idênticos, conformados e de inteligência apenas suficiente para executar as tarefas para as quais teriam sido destinados desde a embriogênese. Ora, essa não é a descrição de nenhuma espécie de eugenia, cuja definição é o aperfeiçoamento da espécie por meio da seleção genética (do grego *eu* + *génos*, “boa descendência”). A demonização do conceito se deu pela associação com as práticas de extermínio nos campos de concentração do Terceiro Reich, associação essa não menos perversa que tais práticas, uma vez que distorce o verdadeiro significado do termo, transformando virtude em vício. (BARTOLOMEU; PREVIDE, “Eutopia” e “Distopia” no *Brave New World*, de Aldous Huxley, p. 04)

Os nazistas usaram dessas técnicas para implantar a sua ideologia de raça pura, melhorando geneticamente o sangue ariano para sobrepujar judeus, negros, mestiços, dentre outros. Porém, foram compreendidos apenas como exterminadores e não como estudiosos do assunto, vindo daí a distorção do termo eugenia.

1.4. Divisão do trabalho

Quem trabalhará? O que é o trabalho? Estaremos nos encaminhando para alguma fantasia distopista, na qual 2% da população usarão robôs e realizarão todo o trabalho remunerado, enquanto 98% nada farão? (Alvin Toffler, *Previsões e Premissas*).

O modelo Fordista de produção consiste na visão fragmentada e parcializada do processo, onde cada um tem seu papel definido e só executa o que lhe for designado. Segundo explica Verardo (2011), a divisão do trabalho na sociedade da época da Revolução Industrial acontece da seguinte forma: um chefe e vários servidores assalariados com pré-definição do que farão, idêntico ao modelo descrito por Huxley em seu livro. Conforme Platão (2000, p. 146) na divisão do trabalho entre homens e mulheres deve-se levar em conta que as fêmeas são mais fracas para trabalhos que exijam força muscular, porém trabalhos que não exijam força física dependem apenas de receber a mesma educação que os homens, dessa forma se tornam tão capazes quanto eles. Se evidenciarmos que os sexos diferem entre si quanto a sua aptidão para determinada função, deve-se atribuir essa função a quem melhor ela se adequa.

- É tudo comum – respondeu ele – exceto que utilizaremos os seus serviços tendo presente que elas são mais débeis, e eles mais fortes.
- Então – perguntei eu – poderemos utilizar algum animal para os mesmos serviços, se não lhe tiver dado a mesma criação e educação?
- Não se pode.
- Se, portanto, utilizamos as mulheres pra os mesmos serviços que os homens, tem de se lhes dar a mesma instrução. (PLATÃO, 2000, p. 146).

Vimos que para Platão, a força muscular influenciava na divisão do trabalho e no *Admirável mundo novo* de Huxley, a massa corporal era sinônimo de categorização das classes sociais. Os Alfas tinham estatura superior aos Betas, que por sua vez eram maiores que os Gamas e os Deltas. Os Ípsilons eram ínfimos em relação aos outros. O condicionamento associava tamanho a poder, era a hierarquia do porte: “a baixa estatura era coisa tão horrível e típica das castas inferiores.” (HUXLEY, 2009, p.88). Dessa forma, quanto maior o indivíduo, seguramente presumia-se, a participação do mesmo entre as classes superiores.

Todos os indivíduos eram condicionados a aceitarem o seu lugar na sociedade, dessa forma todos se sentiam satisfeitos e felizes com o lugar que ocupavam. A divisão de classe e o condicionamento impostos desde a geração do feto em proveta induziam o ser humano à felicidade em sua vida adulta. Indivíduos de classes superiores procediam de castas superiores, indivíduos inferiores provinham de genética inferior.

- Suponho que, na realidade, os Ípsilons não se importam de serem Ípsilons – disse em voz baixa.
- Está claro que não. Por que haveriam de se importar. Eles não concebem outro gênero de vida. Nós, naturalmente nos importáramos. Mas acontece que fomos condicionados de outro modo e, além disso, começamos com uma hereditariedade diferente. [...] E se você fosse um Ípsilon o seu condicionamento a deixaria não menos satisfeita por não ser uma Beta ou uma Alfa. (HUXLEY, 2009, p. 126).

Durkheim coloca a divisão do trabalho como sendo fator primordial da solidariedade, sendo responsável pelo bom funcionamento da sociedade. A principal divisão do trabalho para ele é feita pelo sexo, a mais antiga também, pois desde os primórdios da humanidade, as mulheres cuidavam da casa e os homens iam para seus afazeres, seja na trabalhando na roça ou caçando.

Huxley apresenta a divisão do trabalho por castas, onde as superiores exerciam funções categoricamente elevadas e as classes baixas desempenhavam funções simples ou que exerciam força braçal. Essa divisão acontecia antes mesmo do indivíduo alcançar a idade adulta e por força do condicionamento, ninguém ousava pensar em mudança, isso sim era estabilidade.

1.5. Formas de ensino: Escolas x Hipnopedias

Althusser (1980, p. 21) corrobora com o conceito de que a escola é a responsável por ensinar regras de bom costume e comportamento, regras de moral e consciência cívica e profissional, o bem falar e o bem redigir, bem como tudo que o indivíduo necessita para ser inserido na sociedade e saiba desempenhar nela o seu papel. Porém, o novo sistema educacional implantado por Ford não era executado em escolas e sim em Centros de Incubação e Condicionamento. Ali todos recebiam uma educação estóica, cuja função era preparar o indivíduo para exercer o seu papel de maneira inquestionável.

Os professores não têm lugar nessa nova sociedade, cabendo as enfermeiras cuidarem da educação das crianças. Através de um método desenvolvido por cientistas, o ensino é executado através de lições transmitidas enquanto os indivíduos dormiam: a *Hipnopedia*. O Condicionamento Hipnopédico consistia em ensinar durante o sono. (HUXLEY, 2009, p. 58). Desde a infância até a fase adulta o indivíduo era submetido a inúmeras repetições de normas, leis e lições necessárias para o completo condicionamento ao modelo social vigente. Era educado social e psicologicamente para aceitar seu lugar e viver feliz no modelo imposto pelo estado.

Voando por cima do Crematório, o helicóptero subiu verticalmente sobre a coluna de ar aquecido que se elevava das chaminés e recaiu, também de súbito, quando penetrou na corrente de ar descendente de ar frio que se seguia. [...]

– Você sabe o que era essa montanha-russa? Era o desaparecimento final e definitivo de algum ser humano. [...] Seria curioso saber quem era: um homem, uma mulher, um Alfa, um Ipsilon... – Suspirou. [...] De qualquer forma, há uma coisa de que podemos estar certos; fosse quem fosse, em vida foi feliz. Agora todos são felizes.

– Sim, agora todos são felizes – Ecoou Lenina. Tinham ouvido essas palavras repetidas cento e cinquenta vezes por noite, durante doze anos. (HUXLEY, 2009, p. 127).

Os cidadãos conformados com seu lugar e papel na sociedade viviam em harmonia e tranquilidade. E assim a felicidade estava garantida, todos sabem o que fazer, seu tempo encaixa perfeitamente com as funções a que tem de desempenhar. Jornada de trabalho de sete horas e meia, sem família para se preocupar, sexo sem restrições, sua ração diária de *soma* garantida (droga perfeita e socialmente aceita, criada por cientistas do *Admirável mundo novo*), tudo funcionando perfeitamente e sem alterações, aliás, mudança não é bem vinda nesse modelo, traz instabilidade. Segundo o diretor do Centro de Condicionamento e Incubação da Londres Central “Toda mudança é uma ameaça a estabilidade.” (HUXLEY, 2009, p. 343).

Ray Bradbury em seu livro *Fahrenheit 451* expõe a realidade do condicionamento em que as pessoas de uma sociedade futura são submetidas. Este mundo também é totalitarista e altamente repressor. Proíbe a leitura e até a posse de obras literárias e tudo é controlado pelos meios de comunicação estatais. Os bombeiros perderam a função original de combater incêndios, já que as casas “atualmente” são de um material não-inflamável, e agora são destruidores de livros. O Estado condena a Filosofia, a História, a Literatura e prefere transmitir através dos meios de comunicação programas com funções de alienar as pessoas ou fatos concretos e informações exatas como nome dos estados que compõe o país, valor da safra de milho do ano anterior, etc. Nada que faça os homens pensarem, nada que os faça refletirem, apenas dado técnicos, exatos, mecânicos. O governo preza por manter as pessoas afastadas de tudo que as possa levar a serem críticas, por isso, oferece a elas informações e estímulos externos em excesso, visando dificultar a reflexão e a contemplação da realidade.

Não as coloque em terreno movediço, como filosofia ou sociologia com que comparar suas experiências. Aí reside a melancolia. [...] Portanto, que venham seus clubes e festas, seus acrobatas e mágicos, seus heróis, carros a jato, motogiroplanos, seu sexo e heroína, tudo o que tenha a ver com reflexo condicionado. (BRADBURY, 1999, p. 80).

O chefe dos bombeiros desta cidade se coloca como aquele que mantém a felicidade afastando as pessoas de informações e prega que a ciência e a cultura trazem teorias contraditórias. Isso por sua vez leva o homem a pensar, a ficar confuso e querer respostas, sempre mais. Esta ansiedade, esta sede por

conhecimento leva a infelicidade e outra, ficarão ainda descondicionados. (BRADBURY, 1999, p. 451).

Silva (1997, p.46-47) defende a idéia de que a leitura é uma atividade que leva ao questionamento, conscientização e libertação e uma sociedade que dificulta o acesso dos indivíduos a leitura impede o surgimento da consciência e da racionalidade. Como forma de libertar a mente e torná-la independente a alienação, a boa e variada leitura é indispensável. Um ser crítico só é levado a elevado a esse patamar após apreender inúmeras idéias expostas em livros e outros meios, confrontando-as com seus valores e ideologias e abrindo seu pensamento a novas formas de enxergar o mundo a sua volta, não ficando condicionado a nenhuma ideologia imposta. Em outra obra, Silva (1998, p.27) legitima o conceito de leitura como forma de adquirir conhecimento, informação e sensibilidade crítica e dessa forma desenvolver posicionamentos diante dos fatos e das idéias que estão tanto nos textos quanto circulando na sociedade. Por isso os livros foram abolidos do *Admirável mundo novo*. Livros continham informações que levariam o indivíduo a pensar por si próprio, por isso qualquer tipo de cultura fora abolido.

– Acompanhada de uma campanha contra o passado; do fechamento dos museus; da destruição dos monumentos históricos, que foram arrasados (felizmente, a maioria já havia sido destruída durante a Guerra dos Nove Anos); a supressão dos livros publicados antes do ano 150 d.F. (HUXLEY, 2009, p. 94).

A organização estatal e científica no *Admirável mundo novo* garantia a estabilidade através do controle da vontade dos cidadãos. O livre arbítrio e a iniciativa própria colocariam em risco todo o processo de condicionamento imposto ao indivíduo. Tendo em vista a colocação de Laraia (2008, p. 32) de que o livre arbítrio humano envolve além da liberdade de agir, também o poder de romper a continuidade e agir sem motivo, nota-se que o Estado novo, excluindo a liberdade de pensamento e escolha, coloca o ser humano a sua completa mercê. É um quadro irreversível já que ninguém consegue ir contra o sistema, pois não vêem erros no mesmo. O homem não dotado de criticidade não reage nem tem poder de modificar o mundo em que vive. E com agente facilitador do condicionamento, tudo que era desagradável ao corpo e a mente foi abolido

Um homem civilizado não tem por que suportar seja lá o que for de seriamente desagradável. E, quanto a fazer as coisas, Ford os preserve de ter jamais tal idéia na cabeça! Toda a ordem social ficaria desorganizada se os homens se pusessem a fazer as coisas por iniciativa própria. (Huxley, 2009, p. 361).

Os indivíduos estavam livres da dor, tanto físicas como psicológica, de doenças, de sofrimentos sentimentais, de problemas financeiros e qualquer forma de insatisfação. Não tendo preocupações não se davam ao trabalho de pensar, dessa forma não criariam, não mudariam, por isso, tudo que necessitavam estava à disposição, não lhes faltava nada, bastava simplesmente viver, condicionados ao modelo social e seguindo as normas impostas.

1.6. Controle totalitário do Estado

Lá fora faz um tempo confortável
 A vigilância cuida do normal
 Os automóveis ouvem a notícia
 Os homens a publicam no jornal...
 E correm através da madrugada
 A única velhice que chegou
 Demoram-se na beira da estrada
 E passam a contar o que sobrou...
 Êeeeeh! Oh! Oh!
 Vida de gado
 Povo marcado, Êh!
 Povo feliz!...

Zé Ramalho (Música *Admirável gado novo*)

Para que o estado chegasse ao total controle era preciso abolir alguns entraves, a democracia era um deles. Como chegar a uma submissão total da população se todos conheciam seus direitos e podiam lutar por eles? A igualdade entre os indivíduos deveria cair.

– Ou então, o sistema de castas. Constantemente proposto, constantemente rejeitado. Havia uma coisa chamada democracia. Como se os homens fossem mais do que físico-quimicamente iguais! (Huxley, 2009, p. 89).

Com o fim do estado democrático o Estado Mundial passou a controlar e comandar tudo, inclusive a produção em laboratórios de seres humanos que seriam condicionados a submissão desde o nascimento. Através de um processo denominado *Bokanovsky*, indivíduos são produzidos em séries, como artigos fabris da época da Revolução Industrial.

O processo de produção em série, modelo criado por Ford, foi aplicado na produção em massa de seres humanos.

Henry Ford, em 1913, aplica a tecnologia da linha de montagem na fabricação de automóveis. Utiliza os mesmos princípios desenvolvidos pelo taylorismo, porém trata-se de “uma estratégia mais abrangente de organização da produção, que envolve extensa mecanização, como uso de máquinas-ferramentas especializadas, linha de montagem e de esteira rolante e crescente divisão do trabalho”. (PIRES; MATOS, 2006).

Necessitando de mão-de-obra em determinada indústria, os cientistas produzem a quantidade de funcionários necessária. Não há mais o problema de falta ou excesso de pessoas que executam o mesmo trabalho. Pois são criados “Tantos indivíduos, de tal e tal qualidade.” (HUXLEY, 2009, p. 36). Gerados na medida certa as necessidades sociais.

A *Técnica de Podsnap* acelerava o processo de maturação dos óvulos, sendo possível obter em um espaço de dois anos pelo menos cento e cinquenta óvulos maduros. Essa técnica era aplicada logo após os indivíduos serem bokanovskyzados.

O *Processo Bokanovsky* era uma inovação deste novo mundo onde de apenas um óvulo é possível gerar dezesseis mil e doze novos seres. “O princípio da produção em série aplicado enfim à biologia.” (HUXLEY, 2009, p. 33). Produção em massa facilita o desenvolvimento de qualquer indústria, no caso do livro de Aldous Huxley, trata-se de uma fábrica de seres humanos. Bokanovskyzar seria um sinônimo de clonagem, porém em proporções gigantescas. O método de clonagem, hoje, está em processo de pesquisa e já desenvolveu clone de alguns animais, como o caso da ovelha *Dolly*. Sendo cogitada futuramente a utilização desta prática em seres humanos. Dupas previa que o avanço da ciência e sua enorme capacidade de gerar inovações que levariam a humanidade a um gigantesco salto tecnológico.

No caso da ciência atual, com sua enorme capacidade de gerar inovações e saltos tecnológicos, as manchetes futuristas falam em estarmos a ponto de controlar o envelhecimento ou produzirmos clones perfeitos de nós mesmos. Esse processo tem sido legitimado pelos impressionantes resultados de alguns dos êxitos da ciência, fazendo-a adquirir uma auréola mágica e determinista, e colocando-a acima da razão e da moral. (DUPAS, 2001, p. 17).

Dupas (2001, p. 14) reforça ainda que os atuais traços concentradores e hegemônicos do desenvolvimento tecnológico podem colocar em risco o controle da genética humana pela sociedade, onde o Estado a dominaria, sujeitando as pessoas a sua vontade como no *Admirável mundo novo*.

O Projeto Genoma Humano, a mais ambiciosa tentativa de mapear a completa decodificação do DNA do homem, com imensas repercussões positivas e enormes riscos para o futuro da espécie, tem sido desenvolvido em paralelo por iniciativas públicas e privadas, o que pode ameaçar seriamente a possibilidade de manter a genética humana sob o domínio da própria sociedade. (DUPAS, 2001, p. 24).

Avanços científicos são questionados e criticados severamente pela sociedade mais conservadora e principalmente pelo meio religioso que prezam por valores éticos, morais e cristãos.

Questões como produção de células tronco, clonagem e até transfusões de sangue e transplante de órgãos ainda são debatidas em alguns países com ideologias mais radicais. Porém, são tratados como algo normal na obra de Huxley, que ignora qualquer conceito ético ou religioso para transformar a ciência em método melhoria da qualidade de vida individual, de domínio social e de poder estatal. A ciência recebeu novas funções, pois influenciava diretamente no governo dos cidadãos. A sociedade passou a ser dominada por aquilo que ela própria, anteriormente criou.

1.6.1. Condicionamento e predestinação

Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado
Mas lá vem eles novamente
E eu sei o que vão fazer:
Reinstalar o sistema

Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga
 Tenha, morre, gaste e viva
 Pense, fale, compre, beba
 Leia, vote, não se esqueça
 Use, seja, ouça, diga...
 Não senhor, Sim senhor.

Pitty (Música *Admirável chip novo*)

Não era preciso estudar em escolas ou ser educado pela família, o condicionamento e a predestinação introduziam no indivíduo toda a informação e hábitos necessários para viver e desempenhar suas tarefas dentro de sua casta. A submissão e o prognóstico impostos aos indivíduos do *Admirável mundo novo* seriam como um chip implantado em uma máquina e as informações nele contidas. Vejamos a colocação de Dupas sobre o uso de tecnologias na modernização do processo de produção:

Microprocessadores são incorporados à maquinaria tradicional, permitindo um grau progressivamente maior de automação, auto-supervisão, autocorreção e independência ante os operários. Códigos de processamento intelectual básicos são incorporados e funcionalizados. (DUPAS, 2001, p. 37).

Huxley expõe em sua obra a massificação tanto dos meios físicos quanto psicológicos do progresso e vai ainda mais longe, pois divulga de forma crítica o consumo de produtos pela etiqueta, apenas para gerar lucros para o estado não por necessidade pessoal. Também ridiculariza a fé no progresso científico e materialista que esmagou qualquer forma de liberdade de pensamento e individualidade.

Os seres gerados em laboratórios eram divididos por classe ainda no tubo de ensaio. A nossa divisão de atual separa os cidadãos entre as classes alta, média e baixa, na antiguidade era nobreza, clero, soldados e escravos (TOFFLER, 1999, p. 35) e em *Admirável mundo novo* os indivíduos são classificados nas seguintes castas: Alfas, Betas, Gamas, Deltas ou Ípsilon. Esta nova separação das classes segue o modelo atual, porém, ao invés de ser determinada pelo poder aquisitivo de cada um, essa divisão é feita pelo cargo social que esta pessoa exerce e que lhe foi pré-determinado. Os Alfas ocupam cargos altíssimos enquanto que os Ípsilons eram sempre serviçais. Os cientistas responsáveis por decidir o destino de cada novo ser

gerado são os Predestinadores, que passam o pedido de quantos novos indivíduos de determinada casta necessitam aos Fecundadores que lhes enviam os embriões solicitados. Após, inicia-se o processo de maturação onde os fetos são desenvolvidos dentro de tubos de ensaio, em uma enorme sala, os bocais são movidos sobre uma esteira que recebem os medicamentos, o oxigênio, os hormônios e todas as drogas necessárias para o seu desenvolvimento (segundo a vontade do seu criador e a necessidade da sociedade), pois, quanto menor a quantidade destes produtos receberem os embriões, menor a casta e vice-versa.

E todos eram felizes com o cargo que ocupavam, pois durante o processo de produção, condicionavam os embriões a “amarem o seu destino social de que não podem escapar”. (HUXLEY, 2009, p. 44).

– Condicionamento ao calor – disse o Sr. Foster.
Túneis quentes alternavam-se com túneis resfriados. O resfriamento estava ligado ao desconforto sob a forma de raios x duros. Quando chegam ao ponto de serem decantados, os embriões tinham horror ao frio. Ficavam predestinados a emigrarem para os trópicos, a serem mineiros, tecedores de seda de acetato e operários de fundição. Mais tarde, seu espírito seria formado de maneira a confirmar as predisposições do corpo. [...]
– E esse – interveio sentenciosamente o Diretor - é o segredo da felicidade e da virtude: amarmos o que somos obrigados a fazer. (HUXLEY, 2009, p. 44).

A técnica Behaviorista analisa o comportamento como forma de aprendizagem passada. Por isso, o indivíduo condicionado a aceitar o calor, logo, só se sentirá bem quando estiver em um lugar quente. Os comportamentos são explicados em termos de estímulos e respostas. O estímulo é definido como qualquer objeto no ambiente geral ou qualquer mudança no organismo devido a condições fisiológicas, como a fome, por exemplo. A resposta é qualquer coisa que o indivíduo faz. (MENEZES, Teoria Behaviorista-estrutural, ([?])).

Qualquer que fosse a profissão que o indivíduo desempenhasse a exerceria com toda satisfação, pois esse é o objetivo do condicionamento, pré-estabelecer prazer à atividade relacionada.

No porta-garrafas número dez, filas de trabalhadores das indústrias químicas da geração seguinte estavam sendo exercitadas na tolerância para o chumbo, a soda cáustica, o alcatrão, o cloro. O primeiro de um grupo

de duzentos e cinquenta embriões de mecânicos de aviões-foguetes passava justamente diante da marca do metro mil e cem no porta-garrafas número três. Um mecanismo especial mantinha os recipientes em rotação constante.

– Para melhorar o seu sentido de equilíbrio – explicou o Sr. Foster. – Efetuar reparos no exterior de um avião-foguete em pleno vôo é um trabalho penoso. Nós retardamos a circulação quando eles estão em posição normal, de modo que fiquem parcialmente privados de alimentos, e dobramos o afluxo de pseudosangue quando estão de cabeça para baixo. Aprendem, assim, a associar essa posição com o bem-estar. Na verdade, eles não se sentem verdadeiramente felizes senão quando estão de cabeça para baixo. (HUXLEY, 2009, p. 46).

Para condicionar os indivíduos em *Admirável mundo novo* os cientistas fazem uso da técnica Behaviorista, conforme explica Menezes em seu artigo Teoria Behaviorista-estrutural, a aprendizagem é um comportamento adquirido de forma mecânica e automática através de estímulos e respostas e os mecanismos fundamentais para a formação desses hábitos são o condicionamento e o esforço, “definido por Politzer como a satisfação que o indivíduo recebe como resultado de sua *performance*”. (MENEZES, Teoria Behaviorista-estrutural, ([?])).

Futuramente o indivíduo ao ver livros ou flores, os detestaria e ainda se sentiria satisfeito por ignorá-los.

1.6.2. O condicionamento Pavloviano e a Hipnopedia como forma de educação em massa

Êeeeeh! Oh! Oh!
Vida de gado
Povo marcado, Êh!
Povo feliz!...

Zé Ramalho (Música *Admirável gado novo*)

A educação em massa é uma excelente forma de condicionamento e dessa forma alcançar a estabilidade pelo caminho mais curto. Escolhendo que tipo de informação fornecer ao indivíduo torna-se possível aliená-lo facilmente. Como na fábula futurista *Fahrenheit 451*, de Bradbury, em *Admirável mundo novo* o direito a informação e a cultura também eram limitadas e quem detinha esse direito eram as castas superiores. Não havia a necessidade que os seres inferiores desperdiçassem

o tempo da comunidade com livros, já que viviam em uma sociedade consumista, e também havia o risco de através da leitura de algum deles, o indivíduo abrisse a mente ao conhecimento e fosse descondicionado, um desperdício, pois longos anos de trabalhos seriam perdidos. Por isso, os livros eram proibidos e foram banidos do *Admirável mundo novo*, com o mesmo argumento que Platão bane os poetas de sua República: eles são subversivos. E, além disso, o condicionamento fazia com que os indivíduos das classes Gammas, Deltas e Ípsilons tivessem pavor aos livros. Conseguiram isso através do método denominado *Pavloviano*.

Entraram em um vasto cômodo nu, muito claro e ensolarado[...]
Grandes vasos, apinhados de flores. (HUXLEY, 2009, p. 51).
– Coloquem os livros – disse ele, secamente.
Entre os vasos de rosas, os livros foram devidamente dispostos.[...]
– Agora, tragam as crianças. (HUXLEY, 2009, p. 52). [...]
Pequeninas mãos se estenderam incertas, tocaram, pegaram, despetalando as rosas transfiguradas, amarrotando as páginas iluminadas dos livros. O diretor esperou que todos estivessem alegremente entretidos. Depois disse:
– Observem bem. – E, levantando a mão, deu o sinal.[...]
Houve uma explosão violenta. Aguda, cada vez mais aguda, uma sirene apitou. Campainhas de alarmes tilintaram enlouquecedoras.
As crianças sobressaltaram-se, berraram; suas fisionomias estavam contorcidas pelo terror.
– E agora – gritou o D.I.C. (pois o barulho era ensurdecedor) – agora, vamos gravar mais profundamente a lição por meio de um choque elétrico. Agitou de novo a mão, e a Enfermeira-Chefe baixou uma segunda alavanca. Os gritos das crianças mudaram subitamente de tom. Havia algo de desesperado, de quase demente, nos urros agudos e espasmódicos que elas soltavam. Seus pequenos corpos contraíam-se e retesavam-se. (HUXLEY, 2009, p.53)

A aprendizagem é um dos principais temas da Psicologia da Educação. Define-se aprendizagem como a mudança relativamente permanente no conhecimento ou no comportamento produzido pela experiência e considera a aquisição de informação e conhecimentos, habilidades hábitos, atitudes e crenças. Pavlov desenvolveu um estudo onde observou cães e o processo de salivação dos mesmos ao morderem um pedaço de carne, depois lhes mostrou a carne e soou uma campainha, e eles salivaram, em seguida apenas tocou campainha e os cães salivaram sem ver a carne, apenas por relacionar o som à imagem da carne. A essa associação estímulo-resposta, Pavlov deu o nome de Condicionamento Clássico (CC).

Comprovou esta hipótese com uma série de experiências em que tentou associar um **Estímulo Neutro** (ou seja, que não provocava qualquer resposta), o som de uma campainha, com um **estímulo incondicionado** (carne, que provocava a **resposta incondicionada** da salivação). Após algumas associações, o som da campainha tornou-se num **estímulo condicionado**, pois à sua presença, os cães reagiam com a salivação, agora **resposta condicionada**. Então o condicionamento clássico (CC) é um tipo de aprendizagem em que um organismo aprende a transferir uma resposta natural perante um estímulo, para outro estímulo inicialmente neutro, que depois se converte em condicionado. Este processo dá-se através da associação entre os dois estímulos (incondicionado e neutro). Para que o CC se produza deve-se sempre apresentar primeiro o estímulo Neutro e alguns segundos depois o Estímulo Incondicionado (o processo deve repetir-se várias vezes), para que possa haver associação. (AGUILAR, Aprendizagem – O comportamentalismo, ([?])).

Os bebês submetidos ao condicionamento Pavloviano recebiam o estímulo neutro que eram as belas flores e os livros, após recebiam o estímulo incondicionado que era o choque e o barulho, a resposta futuramente seria então, ter aversão a qualquer um dos dois produtos, flores ou livros.

Um estudo semelhante ao de Pavlov foi desenvolvido por Skinner, o Comportamento Operante, que descreve a relação entre comportamento e consequências.

Se as consequências de um comportamento forem aversivas ou desagradáveis para o sujeito, o comportamento tenderá a desaparecer. Ou seja, também se consegue controlar o comportamento através de efeitos negativos. É o caso do **castigo**. (AGUILAR, Aprendizagem – O comportamentalismo, ([?])).

Na obra de Huxley as crianças das castas inferiores aprendiam a odiar flores e livros, pois os associavam a coisas desagradáveis, no caso ao barulho intenso e ao choque elétrico. Os cientistas ensinavam os pequenos seres através do Condicionamento Clássico. E brincavam de Deus.

Os livros e o barulho intenso, as flores e os choques elétricos – na mente infantil essas parelhas já estavam ligadas de forma comprometedoras; e, ao cabo de duzentas repetições da mesma lição, ou de outra parecida, estariam casadas indissoluvelmente. O que o Homem uniu, a natureza é incapaz de separar. (HUXLEY, 2009, p. 54).

A aversão as flores era necessária neste modelo econômico, tendo em vista que esta sociedade era totalmente voltada ao consumo, onde tudo é descartado após ser utilizado, onde não existe reaproveitamento, onde paga-se por tudo, observar flores, jardins, é gratuito e, portanto, fora do padrão consumista. Se não gera lucro não interessa a classe dominante, por isso, desde cedo condicionavam o gosto de cada um por determinada coisa. Dessa forma, o consumo de produtos industrializados estaria garantido.

As flores do campo e as paisagens, advertiu, têm um grave defeito: são gratuitas. [...]
 – Nós condicionamos as massas a detestarem o campo – disse o Diretor, em conclusão – mas, simultaneamente, as condicionamos a adorarem todos os esportes ao ar livre. Ao mesmo tempo, providenciamos para que todos os esportes ao ar livre exijam o emprego de aparelhos complicados. De modo que eles consumam artigos manufaturados. (HUXLEY, 2009, p. 56).

Era transmitida através da *Hipnopedia* toda informação necessária ao indivíduo de determinada classe. Lições e regras de aceitação do regime eram introduzidas em sua mente para viverem consentindo com o modelo imposto, sem criticar nem reclamar. Sentindo assim felizes e satisfeitos por serem Alfas ou Betas, Gamas ou Ípsilons.

Na extremidade da sala, um alto-falante sobressaia da parede. O diretor foi até ele e apertou um botão. [...]“As crianças Alfas vestem roupas cinzentas. Elas trabalham muito mais do eu nós por que são formidavelmente inteligentes. Francamente, estou contentíssimo por ser um Beta, por que não trabalho tanto. E, além disso, somos muito superiores aos Gamas e aos Deltas. Os Deltas se vestem de cáqui. Oh, não, não quero brincar com crianças Deltas. E os Ípsilons são ainda piores. São demasiados broncos para saberem...” (HUXLEY, 2009, p. 62).

Neste trecho temos o exemplo de uma lição hipnopédica de consciência de classe. A mente é bombardeada com informações que sugerem ao indivíduo como deve pensar e agir. O espírito do sujeito é formado de acordo com a vontade do estado, ou seja, o livre arbítrio deixa de existir. As vontades e as necessidades são condicionadas de acordo com o modelo social. Dessa forma, o indivíduo aceita fazer parte de uma classe inferior, a se vestir de certa maneira, a agir de certo modo,

julga, deseja e decide seguindo o que lhe foi sugerido durante o sono. “A maior força moralizadora e socializante de todos os tempos”. (HUXLEY 2009, p. 63).

– Eles ouvirão isso repetido mais quarenta ou cinquenta vezes antes de acordarem; depois, outra vez na quinta-feira, e novamente no sábado. Cento e vinte vezes, três vezes por semana, durante trinta meses. Depois disso, passarão a uma lição mais adiantada. Rosas e choques elétricos, o cáqui dos Deltas e uma baforada de assa-fétida – ligados indissolúvelmente antes que a criança saiba falar. Mas o condicionamento sem palavras é grosseiro e genérico; é incapaz de fazer aprender as distinções mais sutis, de inculcar as formas de comportamento mais complexas. Para isso é preciso palavras, mas palavras sem explicação racional. Em suma a hipnopedia. (HUXLEY 2009, p. 63).

A *Hipnopedia* era uma forma de educação em massa, pois ao mesmo tempo condicionava e instruía dezenas de crianças e jovens. O princípio da educação em massa é resquício da Revolução Industrial, que naquela época ocorreu, devido à grande necessidade de mão-de-obra especializada nas fábricas, este fato gerou a o processo de educação em massa. Como tudo na Segunda Onda (Alvin Toffler chama de Segunda Onda a Revolução Industrial) era em grande escala até a preparação dos jovens para o serviço e para o mundo acontecia de forma massificante. (TOFFLER, 1999, p. 42-43). Nas fábricas, com a ajuda das máquinas, grandes linhas de produção garantiam o emprego desses jovens formados em instituições de educação públicas ou particulares

O incentivo ao consumo também era feito durante o sono. A oferta de necessidades materiais era introduzida na consciência dos pequenos futuros consumidores. Quando adultos, ao chegarem a um supermercado, uma loja, tinham na mente o desejo consumista pulsando. Inconscientemente sentiam necessidade de possuir aquilo que estava diante de seus olhos e ao alcance de suas mãos, pois foram condicionados para isso.

Nos berçários, a lição de Consciência de Classe Elementar havia terminado; as vozes adaptavam a futura procura à futura oferta industrial: “Como eu adoro andar de avião”, murmuravam, “como eu adoro andar de avião, como eu adoro ter roupas novas, como eu adoro...” [...]“Mas as roupas velhas são horríveis”, continuou o murmúrio infatigável. “Nós sempre jogamos fora as roupas velhas. Mais vale dar fim que conservar, mais vale dar fim. (HUXLEY, 2009, p. 91).

Museus, bibliotecas, teatros, igrejas e tudo que se gasta tempo e consome-se pouco foi extinto. Não há consumo se o indivíduo gasta horas para ler um livro, por isso todas as formas de culturas foram abandonadas, não gerava lucros. “A volta à cultura. Isso mesmo, à cultura. Não se pode consumir muita coisa se se fica sentado lendo livros.” (HUXLEY, 2009, p. 92).

Bradbury expõe situação semelhante em *Fahrenheit 451* onde os meios de comunicação fazem uma lavagem cerebral nas pessoas a fim de levá-las ao consumo de determinados produtos, independentes se esses produtos são necessários ou não.

Vemos no trecho a seguir onde Montag se encontra fugindo do seu Batalhão dos Bombeiros levando um livro, e como livros eram proibidos, ele tentava lê-lo, porém o apelo propagandístico de um creme dental era tão forte que não permitia que sua concentração ficasse somente na leitura da obra, ele então se irrita e deixa transparecer sua fúria.

– Creme dental Denham.

– Calado, calado, calado! – Foi uma súplica, um brado tão terrível que Montag se viu em pé, os passageiros do vagão barulhento espantados, afastando-se desse homem de rosto demente, inflamado, a boca seca tartamudeando, o livro se agitando em seu punho. As pessoas que, um minuto antes estavam sentadas, batendo os pés ao ritmo do Dentifrício Denham, o Creme Dental Denham, Dentifrício Dentifrício Dentifrício Denham, um dois, um dois três, um dois, um dois três. Pessoas cujas bocas se agitavam levemente repetindo as palavras Dentifrício Dentifrício Dentifrício. Em retaliação, o rádio do trem vomitava sobre Montag uma tonelada de música feita de estanho, cobre, prata, cromo e bronze. O clangor reduziu as pessoas à submissão; não corriam, não havia lugar nenhum para onde correr; o grande trem a ar comprimido precipitava-se em seu poço na terra. (BRADBURY, 2007, p. 100).

Como é perceptível, os meios de transporte eram utilizados para divulgar os produtos e a forma de anúncio ficava na mente das pessoas, através da constante repetição e pela musicalidade que penetrava profundamente na cabeça dos ocupantes do trem.

Essa forma propagandista condicionava subliminarmente as pessoas ao consumo instintivo e desnecessário do produto divulgado, enquanto as mesmas se dirigiam com sono e ou voltavam cansadas do trabalho.

1.6.3. Condicionamento x Violência

Como forma de controlar a anarquia, o liberalismo, em que se encontrava o mundo, o estado empregou todos os tipos de violência: massacres com armas de fogo, bombas, envenenamento dos que buscavam conhecimento e cultura através dos livros. O estado obrigando o povo a consumir determinada cota por ano, “regime do consumo obrigatório.” (HUXLEY, 2009, p. 92). Enfim, os Administradores Mundiais compreenderam que com o uso da violência não resolveria, optaram então pelo condicionamento.

– No fim – disse Mustafá Mond – os Administradores compreenderam a ineficácia da violência. Os métodos mais lentos, porém infinitamente mais seguros, da ectogênese, do condicionamento neopavloviano e da hipnopediá... (HUXLEY, 2009, p. 93).

Althusser (1980, p. 46) define duas formas distintas de funcionamento do poder estatal. Para ele o Estado é constituído pelo Aparelho Repressivo e pelo Aparelho Ideológico. Sendo que o Aparelho repressivo funciona pela violência enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam pela ideologia.

Analisando essa concepção, observamos que o estado Fordiano tentou controlar os indivíduos pela violência, porém não obteve resultado e optou por usar uma ideologia que se baseava no controle da massa populacional através do condicionamento.

1.6.4. O condicionamento em “*A laranja mecânica*”, de Anthony Burgess

No livro de Anthony Burgess *A laranja mecânica*, escrito em 1962, a justiça usava uma forma de condicionamento para reeducar criminosos.

A sociedade (russa) havia se tornado muito violenta e gangues de jovens cometiam o tempo todo atrocidades contra a população. Os criminosos que eram capturados iam para uma prisão estatal, recebiam um número (como um nome) e passavam por um programa de reabilitação social. Esse programa consistia em

alterar psicologicamente o conceito de violência. No início, usavam a religião para transformar a mente dos criminosos, se não fosse suficiente, eram levados a um tratamento especial que era composto por drogas e condicionamento através de filmes e músicas relacionados à violência e ao mau que ela causava. Os infratores eram obrigados a manter-se de olhos abertos por conta de instrumentos que forçavam a isso, a cabeça era presa de maneira que eles podiam apenas olhar a tela a sua frente e seus pés e mãos estavam amarrados, de forma que não podiam soltar-se ou tapar os ouvidos.

Após uma apetitosa refeição, Alex, líder de uma gangue que foi condenado à reabilitação em um centro penitenciário do estado, sofre os horrores desse condicionamento, que usava tortura psicológica contra o prazer causado pela violência nas mentes criminosas. Durante uma avaliação, Alex pergunta ao doutor Brodsky em que consiste o tratamento, Brodsky diz que ele está fraco e que lhe injetaram umas vitaminas e o irão colocar para assistir filmes.

Era realmente uma píchchazinha muito agradável e apetitosa que tinham posto na badeja: assim dois ou três lomtiques de rosbife quente, com purê de cartófel, e legumes e tinha até um câncer p'ra fumar, e uma caixa de fósforos com um só fósforo dentro. [...] Entrou uma enfermeira [...] e ela trazia uma bandeja e uma seringa. Eu disse: "Ah, são as vitaminas, não é?" E pisquei o olho p'ra ela. (BURGESS, 1977, p. 107-108).

O lugar p'ra onde me levaram na cadeira irmãos, não se parecia com nenhum cinema que eu tinha videado antes.[...] O que aconteceu então foi que um véque de avental branco prendeu meu gúlviver com uma correia. [...] p'ra manter meu gúlviver firme e me fazer olhar para a tela. [...] E aí eu descobri que estavam amarrando meus rúqueres nos braços da cadeira e que meus nogas estavam como que enfiados nos descansos da cadeira. [...] prenderam assim grampos na minha frente, de modo que minhas pálpebras superiores foram sendo puxadas p'ra cima e p'ra cima e p'ra cima e eu não podia mais fechar os olhos, por mais que tentasse. (BURGESS, 1977, p. 110).

Então, com o rapaz preso de forma que não podia abster-se de olhar para a tela, iniciou os médicos, uma sessão de tortura audiovisual. Passaram filmes de violência extrema, com muito sangue, tortura e terror. O efeito do medicamento injetado misturado à farta refeição que o rapaz acabara de ter juntamente com cenas chocantes provocaram efeitos colaterais horríveis na mente do jovem. Um velho sendo espancado até a morte, uma senhora sendo barbaramente agredida e depois queimada viva e cenas de torturas japonesas causaram náuseas, dores e outras sensações desagradáveis na mente do reeducando.

As dores que eu sentia agora na barriga e minha dor de cabeça e a seca eram terríveis e parecia estar tudo saindo da tela. Então eu critiquei: “Parem o filme! Por favor, parem! Eu não agüento mais.” E aí, a glosse do Dr. Brodsky falou: “Parar? Você diz parar? Ora, nós mal começamos.” (BURGESS, 1977, p. 114).

Diariamente infligiam ao jovem, sessões audiovisuais com doses altíssimas de violência gratuita. Esperando obter como resultado um novo cidadão, que tivesse horror a tudo quanto é tipo de agressões, abusos e brutalidades selvagens. Através desse condicionamento “curavam” os indivíduos que possuíam instintos dolosos, pois para aquela sociedade, era considerada uma doença ser criminoso.

“Amanhã, naturalmente, vai haver duas sessões, de manhã e à tarde e eu imagino que você vai estar se sentindo um pouco flácido no fim do dia. Mas nós temos que ser duros com você, você precisa ser curado.” “Ah, não,” disse eu, “foi horrível!” [...] “Claro que foi horrível,” sorriu o Dr. Brannon. “A violência é uma coisa muito horrível. É isto que você está aprendendo. O seu corpo está aprendendo isso.” (BURGESS, 1977, p. 116-117).

O rapaz não compreendia o porquê de se sentir mal frente a cenas de violência, já que no passado, sentia justamente o contrário sentia prazer em atacar as pessoas. O doutor então lhe explica que seres considerados normais reagem a violência, se sentem mal ao presenciá-la.

“O que está lhe acontecendo é o que tem que acontecer com qualquer organismo humano normal, contemplando os atos das forças do mal, os feitos do princípio da destruição. Você está sendo transformado em são, você está ficando sadio.” [...] “Você se sentiu mal esta tarde”, disse ele, “porque você está melhorando. Quando se está com saúde, reage-se à presença do odioso com medo e náusea. Você está ficando bom.” (BURGESS, 1977, p. 117-118).

Após inúmeras sessões de condicionamento contra a violência, o indivíduo não conseguia, nem se quisesse fazer mal a alguém. Quando imaginava qualquer forma de violência, seu corpo condicionado psicologicamente reagia fisicamente. Era uma tortura pensar ou tentar maltratar alguém.

O condicionamento dos cidadãos do admirável mundo de Huxley não executado tendo como base a violência, porém funcionava de forma parecida, onde

as inúmeras repetições de normas e regras transmitidas durante o sono faziam com que o indivíduo fizesse não a sua vontade, mas sim o que lhe era imposto a fazer, e se fosse contra os preceitos estatais, sentia-se mal, com remorso por não estar sendo um bom cidadão. Condicionados, não se davam ao direito de nenhuma atitude

“... para experimentar o efeito produzido pela repressão dos meus impulsos”, ouvi-o dizer. [...] Quero saber o que é paixão – ela o ouviu dizer.
– Quero sentir alguma coisa com intensidade.
– Quando o indivíduo sente a comunidade treme – declarou Lenina.
– E por que não haveria de tremer um pouco?
- Bernard! (HUXLEY, 2009, p. 153).

E quando a tinham, eram reprimidos pelos próprios companheiros, pois o medo de reação estava psicologicamente implantado profundamente em seu eu.

1.6.5. A estatização dos meios de comunicação

Os meios de comunicação eram utilizados no admirável mundo para condicionar ou manter o condicionamento da massa populacional. Em toda casa, em todo ambiente público havia televisões. O poder estatal era responsável pela sua programação, a qual era voltada ao entretenimento e a manutenção do condicionamento. Incentivava o consumo, repetia frases de auto-ajuda e transmitia esportes, nada que fizesse a quem a assistisse pensar, raciocinar. Era produzida em grande escala e alimentava a imaginação dos telespectadores com a imagem de mundo perfeito. “Em Brentford, a fábrica da Companhia Geral de Televisão parecia uma pequena cidade.” (HUXLEY, 2009, p. 110). Até a produção dos meios de comunicação estavam sob domínio do estado.

Para cada classe social havia um veículo de imprensa específico. Pois devido ao condicionamento, devia-se controlar o nível de conhecimento e informação pré-estabelecida para cada casta. Era necessário um meio de comunicação que combinasse com nível intelectual de cada grupo social.

No subsolo e nos primeiros andares achavam-se as oficinas e os escritórios dos três grandes jornais de Londres – *O Rádio Horário*, jornal para as castas superiores, *A Gazeta dos Gamas*, verde-pálido, e, em papel cáqui e exclusivamente em palavras monossilábicas, *O Espelho dos Deltas*. Depois vinham, sucessivamente, os Escritórios de Propaganda pela Televisão, pelo Cinema Sensível e pela Voz e Músicas Sintéticas. (HUXLEY, 2009, p. 114).

Em *Fahrenheit 451* a televisão era considerada a própria família. Em cada casa, dois, três e até quatro telões dentro de um salão garantiam uma programação vinte quatro horas por dia voltado diretamente ao entretenimento do telespectador. O meio de comunicação interagia com os habitantes da casa, não os deixavam pensar por si próprios, tirar conclusões, sob o domínio do estado faziam os indivíduos pensarem de acordo com a sua vontade, “Diz o que você deve pensar e o bombardeia com isso.” (Bradbury, 2007, p.105).

Conforme DUPAS (2001, p. 17-18), os meios de comunicação hoje, são responsáveis por ocultar problemas ou manipular informações a respeito do avanço científico em oposição a valores éticos e morais. Dupas denuncia que a mídia oculta os riscos provenientes da falta de limite da ciência, dando aos cidadãos a sensação de conquista e liberdade.

A camuflagem dos riscos, alguns deles enormes, é feita com competência pelas mídias globais que deificam as conquistas científicas como libertadoras do destino da humanidade, impedindo julgamentos e escolhas.[...] São, portanto, ao mesmo tempo espetaculares e preocupantes os efeitos desses avanços da técnica que rompem, inauguram e voltam a romper sucessivamente vários paradigmas dentro de uma lógica de competição exacerbada, de deslumbramento diante da novidade tecnológica e de ausência total de valores e normas éticas. Não se trata de ir contra o desenvolvimento tecnológico, adotando um posicionamento reacionário. A questão é bem outra: a tecnologia pode e deve se submeter a uma ética que seja libertadora a fim de contemplar o bem-estar de toda a sociedade, presente e futura, e não apenas colocar-se a serviço de minorias ou atender necessidades imediatas. (DUPAS, 2001, p. 18).

Esse avanço tecnológico que foi levado até as últimas consequências por Ford. Ignorando valores éticos, morais e religiosos o Estado implantou suas próprias regras e leis. E com o auxílio dos meios de comunicação manipulava e conservava os cidadãos sob controle. Era a informação e tecnologia a serviço da política e do governo.

1.6.6. Sexualidade e família

O sexo, que para algumas sociedades contemporâneas e para a maioria das passadas, era questão de tabu, em *Admirável mundo novo* é banalizado. Ser promíscuo é uma obrigação e falar de amor, uma indecência. Como os indivíduos passaram a ser gerados em laboratórios o sexo perdeu sua função de reprodução, servindo apenas para o prazer mútuo entre homem e mulher. Lições sobre sexualidade também eram transmitidas pela hipnopédia já nos primeiros anos de vida das crianças.

Transpuseram o limiar e penetraram na penumbra de um dormitório de janelas fechadas. Oitenta pequenos leitos alinhavam-se ao longo da parede. [...] Uma enfermeira levantou-se quando eles entraram e perfilou-se diante do diretor.

– Qual a lição desta tarde?

– Nós tivemos Sexo Elementar durante os primeiros quarenta minutos. Mas agora passamos para o Curso Elementar de Consciência de Classe. (HUXLEY, 2009, p. 61).

Eram condicionadas desde cedo à prática de rituais eróticos. As descobertas sexuais aconteciam quando os pequenos tinham sete, oito anos de idade.

[...] duas crianças, um garoto de cerca de sete anos e uma menina que poderia ter um ano a mais, dedicavam-se seriamente, com toda a concentração de sábios absortos em algum trabalho de descoberta, a um jogo sexual rudimentar. (HUXLEY, 2009, p. 68).

Ao chegar à idade adulta após toda essa liberdade sexual, o indivíduo não compreenderia a noção de família, para o Estado Fordiano um valor ultrapassado. Dessa forma era uma imoralidade pensar que indivíduos fossem gerados através de relacionamentos sexuais, estes serviriam apenas para diversão, não para reprodução, para isso existiam os Centros de Incubação e Condicionamento do Estado. Palavras como pai, mãe, irmão não eram mais usadas, eram sim, motivo de deboche. Sua pronúncia era uma indecência, uma obscenidade, todos tinham medo e vergonha de usá-las. Como se observa neste trecho da obra, o condicionamento levou os seres humanos a ignorar e ter repugnância de seu passado. “ – Os seres

humanos, antigamente, eram... – Hesitou; o sangue subiu-lhe às faces. – Enfim, eram vivíparos.” (HUXLEY 2009, p. 57).

Em *A República*, de Platão, o sexo é colocado como a forma elementar de procriação. O homem e a mulher na flor da idade, unidos dentro dos rituais do Estado, casados por um magistrado deverão gerar filhos para manter a população da cidade imutável, ou seja, devem nascer em quantidade suficiente para cobrir as percas de vidas provocadas por guerras ou doenças.

– A mulher dará filhos à cidade começando aos vinte anos até aos quarenta; o homem, depois de ter ultrapassado a meta mais fogosa de sua vida, a partir de então pode gerar filhos à cidade até aos cinquenta e cinco anos. (PLATÃO, 2000, p. 156).

Este é o conceito familiar definido por Platão:

[...] às do sexo masculino, filhos, às do sexo feminino, filhas, e as crianças a ele pai, e do mesmo modo aos descendentes deles chamará netos, e estes chamar-lhes-ão avós e avós; e aos que nascerem no mesmo período em que as mães e pais deles geravam filhos, apelidarão de irmãs e irmãos, de maneira que, conforme há momentos dizíamos, não toquem uns nos outros. (PLATÃO, 2000, p. 156).

A família em *Fahrenheit 451* é colocada de forma nada convencional, era formada por marido, mulher e pela TV. Era raríssimo quem optasse por ter filhos. Além disso, a televisão interativa supria as necessidades sentimentais e não permitia que as pessoas sentissem solitárias. Observando o diálogo entre duas senhoras de *Fahrenheit 451* percebe-se a noção de família que elas têm.

– Com ou sem cesariana, filho é uma desgraça; você perdeu o juízo – disse a Sra. Phelps.
– Meus filhos ficam na escola nove dias seguidos e depois eles tem um dia de folga. Eu os aguento em casa três dias por mês; não é nada de mais. A gente põe as crianças no “salão” e liga o interruptor. (Bradbury, 2007, p. 120).

O salão referido na fala é o espaço da casa destinado aos grandes telões que transmitem a programação interativa da televisão. Quando a criança chega do colégio, após permanecer lá por nove dias, a mãe a coloca na frente da TV e pronto, a programação voltada ao público infantil se encarregará de cuidar do pequeno

indivíduo por horas e horas seguidas. Essa descaracterização do modelo familiar, tanto por Huxley quanto por Bradbury, é uma crítica baseado nos acontecimentos que ocorreram por volta do ano de 1930 (d.C.), quando houve a grande depressão e a economia entrou em colapso e milhares de trabalhadores das indústrias ficaram desempregados. Nesse período as grandes companhias se esfacelaram, o orgulho e a moral das pessoas que perderam os empregos foram arrasados e isso ocasionou o fim de inúmeras uniões familiares estáveis.

Porém Toffler (1999, p. 212) considera a ruptura familiar responsável por parte da crise do industrialismo e de todas as instituições criadas pela Segunda Onda (para o autor, a Primeira Onda foi a revolução agrícola, a Segunda Onda a Revolução Industrial e estamos vivendo a Terceira, que seria o desenvolvimento científico e tecnológico). O modelo de família idealizado pela Revolução Industrial, a família nuclear, que consistia em um pai que trabalha fora, a mãe dona de casa e alguns filhos se popularizou rapidamente pelo mundo. Mas com as constantes evoluções e mudanças na sociedade moderna este conceito está em decadência. Os governos atribuem isso a extrema liberdade, a pornografia, ao *rock*, a educação sexual, a liberação do aborto e ao feminismo. O modelo nuclear de família proporciona ao governo uma forma de controle mais eficaz da sociedade. (Toffler, 1999, p. 213). Huxley (2009, p. 76) sugere em sua obra, por meio de seus personagens da casta superior que o conceito de família só causaria caos a sociedade e em consequência, levaria a mesma a regredir ao estágio anterior. Uma família amontoadada em uma pequena casa, como uma toca de coelhos, os problemas, os atritos da vida que nele se comprimiam, a mãe dando de comer aos pequenos filhos, o relacionamento entre os membros do grupo familiar, perigoso, insensato, obscuro e isso provavelmente levaria a sociedade a um estado de selvageria onde o retrocesso seria iminente. A ordem e o progresso da sociedade do novo mundo seriam abalados, por isso a extinção do conceito familiar, facilitando a sustentação do modelo social pelo estado.

Geralmente as famílias nucleares têm filhos, mas com as mudanças sociais que ocorrem na sociedade contemporânea, esse conceito vem mudando, inúmeros lares hoje possuem apenas o casal, marido e mulher, outros ainda, com somente um dos pais e os filhos, caso haja algum e em fatos mais recente casais homossexuais. No primeiro caso, esse modelo proporciona maior flexibilidade, onde tanto o homem

como a mulher podem trabalhar fora aumentando a renda, deixando para trás o modelo de família nuclear onde só o esposo sustenta a casa. No segundo exemplo, o lar somente com um dos pais pode ser melhor para a criança, já que esta não presenciaria as constantes dissensões domésticas entre marido e mulher. (TOFFLER 1999, p. 217). Os modelos familiares do futuro ainda são uma incógnita, primeiro talvez um casamento para experiência, depois um relacionamento homossexual com filhos, casamentos sem filhos, famílias com vários maridos e uma mulher ou vice-versa, mudanças na genética onde os pais escolherão o sexo dos filhos, se casarem com idade avançada ou não se casar, as possibilidades são infinitas. Isso, segundo TOFFLER (1999, p. 220), dependerá muito mais das decisões que fizermos em relação à tecnologia e ao trabalho do que do discurso maçante de religiosos e políticos. Huxley prega a idéia de vida solitária, de completa extinção de união familiar, não cita em nenhum trecho de sua obra qualquer traço de homossexualidade na sociedade futurista por ele prevista.

A definição de lar citada em *Admirável Mundo Novo* reforça o desapego que reina entre as pessoas. Sentimentos altruístas são deixados de lado, amor, amizade, união familiar, tudo se extinguiu para dar lugar organização, ao controle, a ordem.

O lar, a casa – algumas peças exíguas, onde se apinhavam, de maneira sufocante, um homem, uma mulher periodicamente prolífica, um bando de meninos e meninas de todas as idades. Falta de ar, falta de espaço; uma prisão insuficientemente esterilizada; a obscuridade, a doença, os cheiros. [...] E o lar era tão sórdido psíquica quanto fisicamente. Do ponto de vista psíquico era uma toca de coelhos, um monturo, aquecido pelos atritos da vida que nele se comprimiam. Que intimidades sufocantes, que relacionamento perigoso, insensato, obsceno, entre os membros do grupo familiar. (HUXLEY, 2009, p. 75-76).

Conforme Giddens, todos que ponderam sobre casamento percebem as mudanças, cada vez mais intensa, que vem ocorrendo em relação às instituições familiares. Mudanças na posição social relativa e no poder do homem e da mulher, alterações nos costumes sexuais dentre outros. “O casamento e a família não seriam o que são hoje se não fossem inteiramente “sociologizados” e “psicologizados”.” (TOFFLER, 1991, p. 49). Na teoria, somos todos condicionados a aceitar casamento, tanto por uma vontade inconsciente, psicológica quanto por pressão social. Constituir uma família é o sonho da maioria dos integrantes de nossa sociedade, pois acreditam que dessa forma completam mais uma etapa de sua vida,

isso também é motivo de felicidade e prazer. Mas neste novo modelo social, ser feliz é ser útil para a comunidade, para o estado, morar sozinho significa estar livre de problemas domésticos e intrigas familiares. Traição conjugal não é mais problema, pois todos são de todos, não há mais casamentos, ninguém tem um parceiro sexual fixo. A monogamia foi abolida. Se alguém passar muito tempo saindo com apenas uma pessoa, isso sim motivo de espanto.

– E você, vai sair?

Lenina fez que sim.

– Com quem?

– Com Henry Foster.

– Outra vez? – O rosto de Fanny, bondoso e um tanto arredondado, tomou uma expressão incongruente, de espanto magoado e desaprovador. –

Você quer dizer com isso que ainda está saindo com Henry Foster? (HUXLEY, 2009, p. 79).

Não existe o conceito de família na sociedade do “*Admirável Mundo Novo*” e em *Fahrenheit 451* ela é formada com a integração dos meios de comunicação aos habitantes do lar, onde o meio de comunicação interage com os habitantes da casa. Na sociedade agrícola da primeira onda as famílias eram necessárias, principalmente as maiores formadas por pais, filhos, avós, tios, sobrinhos, primos, todos vivendo sob o mesmo teto, imóveis. Todos trabalhando juntos numa só unidade econômica de produção. Na sociedade industrial da segunda onda, um novo conceito de família começou a surgir. A produção econômica deslocou-se do campo para a cidade e a unidade de produção familiar extinguiu-se. As funções básicas da família foram reorganizadas: a educação das crianças ficou a cargo das escolas, os idosos entregues aos asilos. A nova sociedade exigia mobilidade, precisava de trabalhadores que seguissem os empregos de um lugar para outro, e desagregadas pela mudança do campo para as cidades e as tempestades econômicas fizeram com que o núcleo familiar diminuísse, passando a ser compostos apenas por pai, mãe e poucos filhos. (TOFFLER, 1999, p. 41-42).

Não havendo amor, não há romantismo, não havendo família não há monogamia. Os sentimentos e desejos reprimidos causavam no ser humano o descontrole total, a loucura, ações impensadas. O sentimento de exclusividade, de pertencer ou ser dono de outra pessoa, a concentração de interesses, a castidade, as paixões só colocavam em risco a estabilidade social. As constantes tentações a

que o homem estava sujeito, bem como doenças, dores, angústias, remorsos, solidão, incertezas, a própria pobreza causavam-no um desequilíbrio emocional. Tudo era sentido tão intensamente que era impossível ter uma estabilidade. Eliminam-se esses sentimentos e obtêm-se um ser humano desprovido de atitudes inesperadas. Onde não existe emoção, aí está a estabilidade. Onde ninguém pertence a ninguém não há disputas.

- Mas cada um pertence a todos – concluiu, citando um provérbio hipnopédico. (HUXLEY 2009, p. 80).
- Mas é preciso fazer um esforço necessário – disse em tom sentencioso. – É preciso portar-se convenientemente. Afinal, cada um pertence a todos.
- Sim, cada um pertence a todos – Lenina repetiu lentamente a fórmula. (HUXLEY, 2009, p. 84).

A promiscuidade passou a ser tratado como algo sadio e normal, ser promíscuo se tornou um dever. Tratar o semelhante como um objeto a ser consumido, sem nenhum sentimento de culpa ou carinho é perfeitamente compreensível e aceitável. É o capitalismo e o consumismo influenciando a vida sentimental dos humanos, que agora não são tão humanos e podem agir como máquinas.

- Não sei por que – disse, pensativa – mas já faz algum tempo que não me sinto inclinada à promiscuidade. [...]
- Mas é preciso fazer um esforço necessário – disse em tom sentencioso. – É preciso portar-se convenientemente. Afinal, cada um pertence a todos.[...]
- Lenina Crowne? – disse Henry Foster [...] – Ah, é uma garota esplêndida. Maravilhosamente pneumática. Admiro-me de você não a ter experimentado ainda.
- Não sei como – retrucou o Predestinador-Adjunto. – Hei de experimentá-la, certamente na primeira oportunidade. (HUXLEY, 2009, p. 84-85).

O sexo tinha a função de eliminar a ansiedade, a pressão. Servia como uma válvula de escape para expurgar os sentimentos e livrar os seres humanos da vontade de amar.

Conforme a idéia do próprio Ford, o ideal seria tornar os indivíduos livres de sentimentos, pois qualquer desejo reprimido que viesse a tona poderia levá-los a instabilidade emocional, o que viria a causar o descondicionamento.

1.6.7. Religião

Em se tratando do tema religioso em *Admirável mundo novo* nota-se que o cristianismo foi extinto. Até a cruz que era seu símbolo foi cortada a ponta superior transformando-a em Te, significando agora um símbolo fordiano. Alma, imortalidade, Deus, tudo foi esquecido e suprido pelo Estado Mundial implantado por Ford. Democracia, filosofia, literatura, Shakespeare, tudo substituído por uma educação verdadeiramente científica. (HUXLEY, 2009, p. 95). Não deixando brechas a instabilidade, tudo caminhando conforme planejado, sem surpresas, tudo no mais absoluto controle, tudo estável. O dogma pregado pelo estado era seguido inocentemente pelos cidadãos condicionados, sem qualquer forma de oposição.

1.6.8. Utilidade do indivíduo após a morte

Não havendo mais família no novo mundo, a morte deixou de ser tratada como um sentimento de perda irre recuperável. Ainda na infância todos eram condicionados a aceitar a morte como algo natural. Os carros funerários eram de cores alegres, os hospitais eram embelezados por soberbas melodias, a cada quarto de hora o perfume no quarto era automaticamente mudado. Crianças brincavam de tudo quanto é mais divertido e agradável e se deliciavam com guloseimas enquanto os moribundos sucumbiam em seus leitos. Dessa forma os pequeninos associavam a morte a algo agradável e natural. Pronto, este era o condicionamento para a morte. Este trecho mostra o ambiente de um hospital onde John, um selvagem que vivia em uma reserva “não civilizada” onde ainda as pessoas eram geradas através do relacionamento sexual, zela por sua mãe no leito de morte. O rapaz não entende o que está acontecendo, como pode crianças brincando e se divertindo em um quarto de hospital? Elas por sua vez, já condicionadas para não sentirem tristeza pela perda, também não compreendem a dor que o filho sente ao ver sua mãe desfalecendo. Indignado com a curiosidade dos pequenos jovens o selvagem os repreende com brutalidade e chama a atitude deles vergonhosa. Porém, as enfermeiras responsáveis pela preparação das crianças o censura e diz que vergonha é a cena que John está fazendo.

– Vergonha? Mas o que é que o senhor quer dizer com isso? Estão sendo condicionadas para a morte. (HUXLEY, 2009, p. 310).

Mesmo assim, ela afastou os gêmeos mais curiosos e os fez entrar no brinquedo de zipfurão que uma de suas colegas organizara na outra extremidade da sala. (HUXLEY, 2009, p. 311).

– Vamos, quem é que quer uma bomba de chocolate? – perguntou, em voz forte e alegre. (HUXLEY, 2009, p. 316).

Nos rituais funerários não havia nem choro, nem sentimentos, nem enterros dos corpos, isso era desperdício de tempo. Estavam condicionados a encarar a morte como uma troca de peças de uma máquina, a peça era o homem e a máquina era o corpo social “[...] e, por certo, o corpo social subsiste, embora as células componentes mudem.” (HUXLEY, 2009 p. 158).

Conforme Guaraneschi (2005, p. 68), o ser humano na cosmovisão totalitária não vale por si próprio e nem tem sentido se estiver isolado, o homem só é importante se estiver dentro de um todo, onde será um elemento do conjunto, somente dessa forma sua existência terá sentido.

O ser humano é então peça de uma máquina, parte de um todo. Esse “todo” pode ser chamado de estado, de instituição, de grupo, partido, etc. Isso significa que a pessoa humana não é uma categoria fundamental, básica; ela só toma sentido na “máquina”, que é realmente o que interessa.[...]

Totalitarismo: Essa filosofia (valor) implica exatamente a importância que tem a organização maior, [...] Se for do interesse do estado, a pessoa pode ser eliminada. Se for necessário destruir um grupo, deixar morrer pessoas, para salvar o regime, deixa-se morrer. [...] Que salve a instituição. (GUARANESCHI, 2005, p. 68).

Após a morte o indivíduo continuava a ter utilidade, era queimado em um grande forno onde se aproveitava o fósforo liberado durante cremação para adubar a terra. Rituais funerários eram dispensáveis e a matéria corporal cremada era reutilizada como adubo, até depois de morto o indivíduo útil para a sociedade.

– Recuperação de fósforo – explicou Henry num estilo telegráfico. – Durante o trajeto para o alto da chaminé os, os gases sofrem quatro tratamentos diferentes. Em outros tempos quando se fazia uma cremação, o P₂O₅ era completamente desperdiçado. Hoje recuperam-se mais de noventa e oito por cento. Mais de um quilo e meio por corpo de adulto. [...]

– É muito bom pensar que podemos continuar sendo socialmente úteis mesmo depois de mortos. Fazendo crescerem as plantas. (HUXLEY, 2009, p. 124-125).

Todos eram felizes, esta era uma certeza absoluta neste novo modelo social. Cada um ocupava o cargo pré-definido a que estava condicionado a aceitar, não havia lutas de classes, não havia manifestações, greves nas fábricas, ninguém queria subir de posto, desejar um cargo superior ao seu era impensável. Lutas por melhores condições de trabalho ou aumento de salário era algo impossível de acontecerem, todos estavam satisfeitos em ser uma peça fundamental na máquina social, isso era o bastante. A lavagem cerebral feita durante o sono colocava o trabalhador em seu lugar, literalmente. Ele se sentia afortunado por ocupar o cargo determinado, pois foi gerado, predestinado e condicionado para o mesmo.

1.7. O processo Bokanovsky como forma de igualdade

E graças ao processo *Bokanovsky*, que hoje poderíamos denominar de clonagem, os funcionários de cada empresa eram do mesmo tipo físico, mesma raça, mesma cor, todos vestidos de forma idêntica. Através dessa unidade obtinha-se um conjunto uniforme onde ninguém era melhor que ninguém, um não tinha mais poder ou mais força que o outro, pois todos pertenciam à mesma casta. Inveja, desejo de mudança e insatisfação, nada disso existia, pois foram condicionados a igualdade. Igualdade obtida não por força de programas governamentais como melhor de divisão de renda, melhorias econômicas, sociais ou políticas, mas uma igualdade geral, forçada. Assemelhando todos os indivíduos em características e idéias, dessa forma a estabilidade estava assegurada dentro do meio assalariado. Vejamos a descrição de Huxley dos servidores de uma empresa

O pessoal subalterno do Hospital de Park Lane para Moribundos compunha-se de cento e sessenta e dois Deltas, divididos em dois grupos Bokanovsky, de oitenta e quatro gêmeas ruivas e setenta e oito gêmeos dolicocefalos morenos, respectivamente. (HUXLEY, 2009, p. 319).

É possível perceber nitidamente a completa igualdade entre eles. Isso facilita o controle dos patrões em relação aos funcionários e do governo sobre os cidadãos.

1.8. Para o problema das drogas: o soma

As drogas não deixaram de ser um problema nesse novo arquétipo social. Após a nova ordem mundial tomar o poder, cientistas, médicos, bioquímicos e farmacologistas foram subvencionados pelo estado para desenvolver uma droga capaz de substituir a morfina, a cocaína e o álcool, tão utilizados por nossa sociedade atual e o melhor, esta nova substância não causava os terríveis efeitos dos narcóticos atuais. Produziu-se então a droga perfeita: o *Soma*. Definida pelos habitantes do novo mundo como “- Eufórico, narcótico, agradavelmente alucinatório.” (HUXLEY 2009, p. 97). Era a felicidade comprada, resolvia todos os problemas, era a saída para tudo que viesse a importunar a mente. Por ser desenvolvida pelo estado para fins de condicionamento era uma droga lícita, fabricada, comercializada e consumida sem a menor culpa ou temor. Cada cidadão possuía seu frasco contendo algumas gramas do alucinógeno que proporcionava fugas sem causar nenhum inconveniente, sem efeito colateral.

– Podem proporcionar a si mesmo uma fuga da realidade sempre que desejarem, e retornar a ela sem a menor dor de cabeça nem sombras de mitologia. (HUXLEY, 2009, p. 98).

Utilizado também como forma de controle em caso de alguma desordem, o vapor de *soma* era totalmente eficaz. Substituiu as bombas de efeito moral e o gás lacrimogêneo empregado pelas autoridades policiais de nossa sociedade, transformando a forma de lidar com manifestantes, já que era difícil acontecer algo estranho devido ao condicionamento a ordem a que os indivíduos eram submetidos. Veja como foi tratado um incidente durante a distribuição gratuita de soma:

Três homens, que traziam pulverizadores presos aos ombros por correias, espalharam no ar densas nuvens de vapores de *soma*. Dois outros trataram de fazer funcionar a Caixa de Música Sintética portátil. Munidos de pistolas de água carregadas com um anestésico poderoso, outros quatro abriram caminho no meio da multidão e punham metodicamente fora de combate, com jatos sucessivos, os combatentes mais ferozes. (HUXLEY, 2009, p. 326-327).

Aliás, o condicionamento era tão eficaz e confiável que armas letais não eram mais necessárias. Todos seguiam as leis, como que programados, ninguém ousava ou desejava descumpri-las. Rebeliões, manifestações eram coisas do passado, mas

se houvesse, eram controladas com a ajuda do *soma* e pistolas de água com anestésico.

– Munidos de pistolas de água carregadas com um anestésico poderoso, outros quatro abriram caminho no meio da multidão e punham metodicamente fora de combate, com jatos sucessivos os combatentes mais ferozes. (HUXLEY, 2009, p. 327).

Discursos difundidos através de caixas de som distribuídas por todos os locais da cidade ou portáteis serviam como forma de acalmar a pessoas revoltadas. Estes discursos levavam o cidadão de volta ao seu condicionamento, lembrando das lições que teve durante o sono na infância.

O cilindro girava com o Discurso Sintético Número Dois (Força Média) Contra Motins. “Que significa tudo isso? Por que não são todos felizes e bons uns com os outros?” (HUXLEY, 2009, p. 327).

O *soma* era comprado ou distribuído nas fábricas a todos os trabalhadores, proporcionando-lhes assim um descanso merecido após um longo dia de trabalho. Ficavam felizes ao receber sua ração diária de entorpecente “Às seis horas, terminando o seu dia de trabalho, reuniam-se no vestíbulo do Hospital e recebiam do Subecônomo-Assistente a sua ração de *soma*.” (HUXLEY, 2009, p. 319).

1.9. Para a questão das doenças: saúde até o fim da vida

Todos os cidadãos gozavam de plena saúde neste mundo novo. As doenças foram erradicadas e a imunização acontece ainda durante o processo de maturação dos fetos. Dessa forma hospitais são dispensáveis, ninguém é atacado por moléstias. Há somente os hospitais para moribundos onde são levados os pacientes em estado terminal, paralelamente funcionam os Centros de Condicionamento para a Morte onde as crianças recebem as lições de como encarar a morte como sendo algo natural e agradável, associando a partida deste com brincadeiras, comidas e diversão, evitando assim emoções e sentimentos desagradáveis. As defesas

biológicas são reforçadas de acordo com a região que o indivíduo está predestinado a ir.

- Que é que você lhes está dando aí? – perguntou o Sr. Foster [...]
- Oh, a tifóide e a doença do sono habituais.
- Os trabalhadores dos trópicos começam a receber inoculações no metro cento e cinquenta – explicou o Sr. Foster aos estudantes. – Os embriões ainda têm guelras. Imunizamos o peixe contra as moléstias do futuro homem. (HUXLEY, 2009, p. 45). [...]
- “Meu Ford, será que eu dei a injeção de doença do sono a este aqui, ou não?” Simplesmente não conseguia lembrar-se. Afinal, decidi não correr o risco dar-lhe a segunda dose e avançou ao longo da fileira para o bocal seguinte. (Vinte e dois anos, oito meses e quatro dias depois, um jovem e promissor Alfa-Menos, administrador em Muanza-Muanza, morria de tripanossomíase – o primeiro caso em mais de meio século. (HUXLEY, 2009, p. 288).

A saúde plena era alcançada graças à higiene absoluta. Eram fanáticos por limpeza. Pois em um mundo onde tudo se encontrava na mais perfeita ordem não poderia haver espaço para imundície, para lixo ou qualquer coisa fétida que enoiasse os ambientes admiráveis deste mundo novo. Também, eram dependentes da limpeza, fazia parte de seus ensinamentos durante o sono mensagens comparando a higiene ao paraíso, ao requinte, a superioridade. Ser asseado agradava aos líderes e a toda comunidade, fazia com que se sentissem bem, virtuosos.

- Mas a limpeza está próximo da força – insistiu ela.
- Sim, e “civilização é esterilização” – replicou Bernard, completando em tom irônico a segunda lição hipnopedica de higiene elementar. (HUXLEY, 2009, p.176).

Essa crítica de Huxley tem por base a concepção de Durkheim sobre o homem e os problemas sociais onde

O dever do homem de Estado não é mais impelir violentamente as sociedades para um ideal que lhe parece sedutor, mas seu papel é o do médico: ele previne a eclosão das doenças mediante uma boa higiene e, quando estas se manifestam, procura curá-las. (DURKHEIM, 1999, p. 76).

Assim, portanto, os homens que governam têm a obrigação de manter o estado limpo, sem crimes, sem doenças, sem instabilidade. Até o idoso deixou de ser problema, pois com técnicas de transfusões de sangue jovem, hormônios

gonadais e sais de magnésio o ser humano chegava à velhice em plena forma. Trabalhando ativamente, consumindo, felizes e sem doenças, fazendo tudo que um jovem saudável faz.

– No trabalho, nas diversões; aos sessenta anos, nossas forças e nossos gostos são o que eram aos dezessete. Os velhos, nos tristes dias de outrora, renunciavam, retiravam-se, dedicavam-se a religião, passavam o tempo lendo, lendo e pensando! [...]

– Atualmente, tal é o progresso, os velhos trabalham, os velhos copulam, os velhos não tem um instante de ócio para furtar ao prazer, nem um minuto para se sentarem a pensar; [...] (HUXLEY, 2009, p. 99).

O sistema capitalista não admite ociosidade. Não se pode manter uma pessoa ou uma peça se ela não tem utilidade, gera gasto e não produz. Dessa forma, proporcionavam saúde e juventude até a morte do cidadão, proporcionando ao Estado lucro e nenhuma despesa.

O DEUS AGORA É FORD

Não se pode controlar alguém que crê em algo misticamente superior, por isso, a religião foi extinta. Deus foi substituído por Ford e pelo seu modelo moderno de sociedade. Deus era antigo e estava desatualizado, precisavam agora de um deus que condissesse com o modelo atual. Por isso a Bíblia Sagrada foi abolida e a nova cartilha era *Minha Vida e Minha Obra*, por Nosso Ford, que ditava as regras do bom cidadão. A Bíblia agora fazia parte da coleção de livros proibidos e ficavam sob a guarda dos administradores mundiais.

O selvagem pegou o livro.

– A *Bíblia Sagrada* contendo o *Velho e o Novo Testamento* [...] *A imitação de Cristo* [...] *As variedades da experiência religiosa*, por William James. [...]

– E tenho ainda muitos outros – continuou Mustafá Mond, voltando à sua poltrona. – Toda uma coleção de velhos livros pornográficos. Deus no cofre e Ford nas estantes. [...] eles são antigos. Tratam de Deus tal qual era há centenas de anos, não de Deus como é agora. (HUXLEY, 2009, p. 353-354).

A religião não era compatível com máquinas, medicina científica e felicidade universal, dessa forma escolheram a juventude e a prosperidade em detrimento do poder divino. Uma sociedade em que tudo está funcionando na mais perfeita ordem não precisa de um deus para lhe servir de base. Deus se faz necessário onde a sociedade está em estado de desordem. Quando se está seguro, quando se sabe que o caminho não trará surpresas desagradáveis, Deus não é necessário.

“Só se pode ser independente de Deus se tem juventude e prosperidade; independência não nos levará até o fim em segurança.” Pois bem, agora nós temos juventude e prosperidade até o fim. O que resulta daí? Evidentemente, que podemos prescindir de Deus. (HUXLEY, 2009, p. 357).

A teoria de Müller e Giddings, (Apud. Lakatos e Marconi, 1999, p. 181) defende que o medo do homem das forças naturais o levou a crer em divindades e forças misteriosas e sobrenaturais que dirigiam a natureza, ou seja, a origem das crenças religiosas seria o medo do desconhecido. (Há ainda, várias outras teorias sobre o surgimento da religião, mas não vamos nos deter nesse tema).

De acordo com D.I.C. Mustafá Mond “O sentimento religioso nos compensará de todas as perdas” (HUXLEY, 2009, p. 357), mas se medo e sentimento em relação a perda não existem, então a religião se torna inútil, descartável, supérflua. Por isso, no sistema social do novo mundo o estado eliminou as religiões e também as divindades. Os cidadãos foram então condicionados a não crer em Deus.

– Mas não é natural sentir que há um Deus?
 – O senhor poderia igualmente perguntar se é natural fechar as calças com zíper – retrucou o administrador sarcasticamente. [...] Como se nós acreditássemos em alguma coisa, seja o que for, por instinto! Cremos nas coisas por que somos condicionados a crer nelas. [...] As pessoas crêem em Deus por que foram condicionadas a crer em Deus. (HUXLEY, 2009, p.358).

A ética religiosa era um obstáculo para o avanço da ciência, para a prosperidade do modelo social agora dominante. Pois a religião defendia o conceito de família e isso impedia os governos de reorganizarem a sociedade. “Havia uma coisa chamada Cristianismo. Era preciso que as mulheres continuassem a ser vivíparas”. (HUXLEY, 2009, p. 88).

Até nosso calendário foi alterado. Estamos hoje na marca de dois milênios e alguns anos após Jesus ter vindo ao mundo, segundo a Bíblia e quando recorremos a alguma marca temporal usamos “antes de Cristo” (a.C.) ou “depois de Cristo” (d.C) para nos situarmos. Mas em *Admirável mundo novo*, usam por referência Ford. Em tudo que é relativo a marcas de tempo, substituíram Cristo por Ford, isso devido ao novo modelo social ter iniciado com Ford. Em vários trechos da obra evidencia-se o fato acima descrito:

Velho? Jovem? Trinta anos? Cinquenta? Cinquenta e cinco? Era difícil dizer. Aliás, não vinha ao caso; nesse ano de estabilidade, 632 d.F., a ninguém ocorreria perguntar. (HUXLEY, 2009, p. 29).

Com frenesi, os estudantes rabiscaram: *A hipnopédia, primeiro emprego oficial e no ano 214 d.F. Por que não antes? Duas razões: a)...* (HUXLEY, 2009, p. 59).

E revelou a espantosa verdade. Durante um período muito longo antes de Nosso Ford, e até no decurso de algumas gerações ulteriores, os brinquedos eróticos entre crianças eram considerados anormais. (HUXLEY, 2009, p. 70).

As cerimônias religiosas eram direcionadas a Ford. O novo “deus” era cultuado como sendo o criador supremo. Essas celebrações de adoração eram regadas a muita bebida, droga, no caso o soma e orgias sexuais, já que felicidade e prazer deveria ser o resultado de um culto oferecido a Ford.

De duas em duas semanas às quintas-feiras, era para Bernard o dia da cerimônia de Solidariedade. [...] O grande auditório para as cerimônias do dia de Ford e outros Cantos Comunitários gerais estava situado no andar térreo do edifício. [...] O grupo agora estava completo, o círculo de solidariedade estava perfeito e sem falhas. Um homem, uma mulher, um homem. [...] O presidente levantou-se e fez o sinal do T. [...] Os comprimidos de soma consagrados foram colocados no centro da mesa. A taça da amizade, cheia de refresco de morango com *soma* foi passada de mão em mão. [...] “Bebo ao ser maior”, tal era a fórmula, todos beberam. (HUXLEY, 2009, p. 135-136).

Cânticos sugestivos, frases de efeito, a taça com bebida e droga dando várias e várias voltas no círculo, tudo isso levava os “fiéis” a entrarem em transe, clamavam a vinda do Grande Ser. Quando já se encontravam em êxtase total, dançavam e cantavam

*“Orgião-espadao, Ford e alegria a rodo,
Com beijos unir-se às moças num só Todo!
E cada rapariga vá com seu rapaz;
Orgião-espadao assim vos satisfaz.*

Deslocavam então para seus divãs, que se encontravam dentro da mesma sala, com seus parceiros e mantinham relações sexuais. Dessa forma se sentiam satisfeitos tanto físico como psicologicamente e com a sensação de dever cumprido. Adorar Ford era para eles como adorar Deus para os cristãos. Porém, ao invés de orações, jejum, rituais destinados a Deus concebiam a idéia se embriaguez, prazer, felicidade, como forma de agradecer a Ford.

2.1. Admirável mundo novo: Utopia ou Distopia?

Ignorando completamente nosso atual modelo social, exceto é claro por alguns regimes comunistas onde o homem é subvertido pelo poder estatal, a nova

ordem social mundial descrita por Huxley vem alertar sobre os rumos que a sociedade contemporânea está tomando. *Admirável mundo novo* não tem por tema principal o progresso da ciência e da tecnologia em si, e sim na medida em que esse o avanço afeta os indivíduos. O desenvolvimento científico descrito na obra de Huxley relaciona a aplicabilidade de Biologia, Genética, Psicologia, Fisiologia em relação aos seres humanos de forma a manipular desde a criação da vida e a manutenção da ordem e estabilidade através do controle totalitário por meio do condicionamento. Refletindo dessa maneira, é possível transformar radicalmente, quando se aplica diretamente a ciência ao modo de vida das pessoas modificando para melhor ou pior. Através da ciência é possível gerar ou destruir a vida, torná-la complexa e desconfortável ou simples e agradável. Uma verdadeira revolução social que pode iniciar dentro de um laboratório e ganhar proporções gigantescas, chegando a controlar todo o mundo, transformando as formas e expressões naturais da própria vida, como descrito no livro de Aldous Huxley.

No prefácio de seu romance Huxley (2009, p. 16), conclama aos leitores de *Admirável mundo novo* que “Essa revolução verdadeiramente revolucionária deverá ser realizada, não no mundo exterior, mas sim na alma e na carne dos seres humanos.” Uma lição de vida e também de como “não agir” para que nosso futuro chegue ao ponto descrito em seu romance. Pois estamos vivendo o que talvez seja a primeira parte da penúltima revolução, por conseguinte poderá vir a guerra atômica que destruirá a tudo e a todos ou entraremos em consenso de paz e usaremos o desenvolvimento tecnológico em busca de melhorias para a humanidade.

Se a atual sociedade chegar ao ponto do modelo Fordiano, será a última revolução, pois os homens que governam o admirável novo mundo buscam a estabilidade social, abolindo qualquer forma de anarquia, e para alcançar esta estabilidade, realizam a última revolução, a que não tem volta, o Estado será hegemônico. (HUXLEY, 2009, p. 19). Pois o condicionamento impede qualquer forma de reação e essa completa subordinação, forçada inconscientemente, ao regime totalitário do estado manterá eternamente a sociedade em condição de escravos felizes. Segurança, felicidade, amor não serão ou causarão problemas, tudo está subjugado.

Contraopondo a ideologia colocada em seu romance, Huxley afirma no prefácio de sua obra que a descentralização e o emprego da ciência para fins pacíficos e a serviço do ser humano, produzindo uma raça de indivíduos livres, impedirão que futuramente tenhamos apenas duas opções: múltiplos totalitarismos nacionais militarizados ou um totalitarismo supranacional promovido pela desordem social gerada pelo progresso tecnológico, que poderá se converter, devido à necessidade de eficiência e estabilidade, em uma tirania assistencial utópica. (HUXLEY, 2009, p. 24).

O livro de George Orwell *1984*, escrito em 1948, também retrata uma sociedade futurista totalitária. A obra foi inspirada em alguns regimes das décadas de 30 e 40 do século passado, onde a verdade era manipulada pelo governo e quem não seguisse o regime era preso e exterminado. Apenas um partido político dominava o grande bloco da Oceania, o Ingsoc sob o comando do Big Brother, a verdade era manipulada e os meios de comunicação estatais informavam apenas o que interessava ao governo.

CHOQUE DE CULTURAS: UM SELVAGEM NA CIVILIZAÇÃO

Como os indivíduos eram predestinados e condicionados ao novo modelo social não sentiam qualquer forma de objeção ao regime totalitário imposto pelo estado científico. Porém, um ser que fora gerado pelo método tradicional, pela cópula entre um macho e uma fêmea, que viveu como vivemos atualmente, livre para pensar, agir e fazer escolhas, que possuía suas crenças e religiões e fosse introduzido bruscamente dentro dessa sociedade, de que forma encararia todas essas novidades futuristas e de que maneira seria visto pelos habitantes desse novo mundo? Pois é exatamente isso que acontece a partir do capítulo sétimo do livro *Admirável mundo novo* de Aldous Huxley.

Havia ainda no planeta, algumas reservas onde o povo vivia normalmente. Os índios ainda caçavam, plantavam seu alimento, trabalhavam em suas roças, mantinham sua cultura totalmente intacta da influência moderna. Ali existiam animais selvagens e florestas, as pessoas viviam em famílias, tinham seus próprios costumes e religião, as crianças ainda eram geradas pela reprodução entre seres humanos. Estas áreas eram rodeadas por cercas eletrificadas, ninguém saía ou entrava sem autorização dos administradores. (HUXLEY, 2009, p. 165-166).

Em uma visita a uma dessas reservas de selvagens, a de Malpais, localizada no México, Bernard Marx e Lenina Crowne, ambos cientistas do Centro de Incubação e Condicionamento da Londres Central, decidiram trazer um habitante da reserva, John, para o admirável mundo civilizado e mecanizado. Um choque para um selvagem que estava acostumado por tantos anos a um tipo de cultura, habituado ao seio familiar, ao companheirismo dos amigos, aos conflitos com os colegas da tribo, ao seu costume religioso e seus desejos e paixões. Sua existência era simples, rústica e natural e de repente viu-se em meio a toda aquela tecnologia, aquele modo de vida estranho e surreal, e ainda pior, era uma atração, motivo de espanto e admiração para aquelas pessoas.

Sua mãe Linda veio consigo. Linda era uma mulher civilizada que em uma viagem a reserva de Malpais sofreu um acidente e foi abandonada por seu companheiro, hoje o Diretor do Centro de Incubação e Condicionamento de Londres, e após tantos anos conseguiu retornar a civilização. Aconteceu que, como era

inaceitável que uma fêmea da nova geração concebesse, ao descobrir sua gravidez, foi abandonada na reserva pelo diretor. Viveu então em meio aos selvagens, lá teve John e hoje retornam a civilização.

Ao chegarem ao centro, Bernard apresenta mãe e filho a todos, que ficam espantados e ao mesmo tempo achavam hilários as palavras mãe, pai e filho. Para eles eram vocábulos desconhecidos, ou pior, obscenos. Quando se revela toda a história, o diretor não resiste às pressões, pede demissão e abandona o centro. Ser pai era um escândalo imensurável. (HUXLEY, 2009, p. 234).

O selvagem John passa a ser tratado como uma atração e todos queriam vê-lo. Bernard, através dele, consegue prestígio e se torna o centro das atenções. Passa a apresentá-lo como uma grande descoberta que revolucionará mundo em que vivem. John logo perde a paciência e começa a ignorar as reuniões e eventos propostos por Bernard. Não suportava aquele mundo e aquela sociedade.

Bernard teve de gritar através da porta fechada a chave, o selvagem não queria abrir.
 – Mas todos estão lá esperando por você.
 Que esperem – foi a resposta que veio em voz abafada. [...]
 – Mas você sempre veio nas outras vezes, John.
 – É justamente por isso que agora não quero ir mais. (HUXLEY, 2009, p. 267).

Linda não sobreviveu por muito tempo. Ela era algo asqueroso em uma sociedade que um ser, mesmo de idade avançada, tinha fisionomia jovem. Seu aspecto era anti-higiênico, por isso, preferia passar o tempo sob o efeito do *soma*. “Ah, o *soma!*” Para ela era a melhor coisa do mundo civilizado. Chegou a tomar vinte gramas por dia. Isso encurtou bastante sua vida. (HUXLEY, 2009, p. 242). No Hospital de Park Lane para moribundos, Linda passou seus últimos dias. Ali o Selvagem percebeu até que ponto chegava o condicionamento humano. Crianças brincavam e se divertiam comendo e jogando em meio a pessoas prestes a falecer, era o condicionamento para a morte. (HUXLEY, 2009, p. 310).

Ele ficou irado com aqueles pirralhos, todos de rostos idênticos, pois eram gêmeos bokanovsky, que se agitavam sem se importar com sua dor. As crianças nunca tinham visto um rosto como o de Linda, todos os enfermos ali tinham aspectos joviais, por isso admiravam e questionavam John. Interrogavam-no o

porquê de seu sofrimento, sentimentos incompreensíveis para elas que estavam condicionadas a aceitar a morte como algo natural e indolor.

O interesse e o hábito do Selvagem pela leitura também era questionado pelos cidadãos do novo mundo, já que ali livros eram proibidos. O que John não compreendia é que, uma forma de manter os indivíduos sob controle é abster-se de qualquer forma de informação, principalmente crítica, facilmente encontrada em livros. A recusa ao soma e a incitação aos funcionários do hospital a agirem da mesma forma mostram que o selvagem não se adaptou ao modelo social em vigor, e ainda, reagia contra o condicionamento e a oferta de droga. Agindo assim, ele colocava toda a estabilidade em risco, pois as pessoas estavam tão acostumadas ao seu modo de vida que uma mudança repentina poderia provocar consequências sérias. Os habitantes do mundo civilizado achavam absurda a forma de viver do selvagem e ele pensava o mesmo dos cidadãos citadinos. No trecho a seguir, vemos a reação de dois cientistas em visita a uma reserva de selvagem, Huxley expõe os sentimentos dos mesmos em relação à forma de viver dos nativos.

– Isto não está me agradando – disse Lenina – Isto não está me agradando. Agradou-lhe ainda menos o que a esperava a entrada do povoado, onde o guia os deixou para ir em busca de instruções. A sujeira, os montes de imundície, o pó, os cães, as moscas. O rosto de Lenina franziu-se numa careta de nojo. Levou o lenço ao nariz. (HUXLEY, 2009, p.176).

Não há entendimento entre as culturas, são totalmente distintas, por isso, o selvagem, enojado com os costumes modernos resolve se retirar a solidão, sentimento incompreensível para os habitantes do novo mundo. Decide ignorar toda forma de tecnologia, produzir seu próprio alimento e punir-se pelos pecados cometidos em sua curta estadia em meio à civilização. Encontra um farol abandonado e ali decide viver solitário, produzir seu próprio alimento através da agricultura e da caça. Odiava tudo que era industrializado e em sua humildade, sentia que nem era digno de habitar o farol, pois o achava muito confortável, mesmo não tendo nada de aconchegante. (HUXLEY, 2009, p. 375). Para se punir dos pecados que achava que tinha cometido desde que deixara sua aldeia para viver na cidade, John ou o Selvagem, trazia consigo um chicote com lâminas afiadas em sua ponta, usava o instrumento para se autoflagelar. Porém, por mais que achasse que estivesse isolado da sociedade, um grupo de pessoas o surpreendeu chicoteando-

se. (HUXLEY, 2009, p. 377). Logo a notícia se espalhou e a imprensa e várias pessoas vinham atormentar o pobre selvagem que tanto buscava o isolamento. Ele as repelia de forma agressiva, mas nem isso as intimidava. Cada vez aumentava o número de visitantes e o insultavam pedindo que ele se azorrasse. Ele ficava cada dia mais impaciente com as constantes visitas. Teve uma noite que fizeram até uma orgia (para os indivíduos do mundo novo era uma forma de culto) em sua homenagem, entoando cânticos e dançando ao redor do farol onde morava o selvagem. (HUXLEY, 2009, p. 391).

3.1 O suicídio como solução

O selvagem se sentia uma constante pressão, as pessoas não o deixavam em paz. Para elas, suas atitudes eram algo novo e surpreendente, um espetáculo incompreensível. Admiravam-se do fato de alguém se ferir (autoflagelo como forma de purificação), preferir o isolamento, produtos naturais a uma sociedade confortavelmente preparada. Não compreendia, pois não foram condicionadas para isso, não tinham a mesma liberdade de pensamento que dispunha o selvagem.

Não suportando, John chegou ao ponto de resolver a situação ao modo considerado, de certa forma comum para a sociedade tradicional, suicidou-se, se enforcando no teto de sua habitação. Durkheim (2006, p. 103-104) compreende o suicídio como todo caso de morte executado pela própria vítima, e que ela própria tinha consciência de que devia realizar tal ato. Nesse contexto, o suicídio é relevante para a sociologia por não se tratar de um simples fato ligado somente ao indivíduo e sim por ser de natureza social, ou seja, fatores externos influenciam o sujeito a cometer tal ato. O ato cometido pelo selvagem foi um suicídio altruísta, onde o mesmo se sacrificou por não suportar viver em um mundo onde o seu conceito de vida social era extremamente diferente. Como explica Durkheim “o indivíduo se mata unicamente para se desembaraçar de uma vida insuportável, ele não seria obrigado a fazê-lo [...] A sociedade impele-o a se destruir.” (DURKHEIM, 2006, p.113-114).

SOCIEDADE EM TRANSFORMAÇÃO: REALIDADE E FICÇÃO

A civilização humana vem enfrentando várias mudanças no decorrer de sua história. Essas ondas de transformações vêm destruindo civilizações inteiras, com sua cultura e seu povo e substituindo-as por outras, com formas de viver totalmente inovadoras, impensáveis para a sucedida. Alvin Toffler, aclamado pensador social, possui um discurso inovador e uma notável visão do futuro, em sua obra *A Terceira Onda* (2009), ele considera que a sociedade está dando um salto gigantesco para o futuro. Passamos por um momento de sublevação social e por uma reestruturação criativa, a maior de todos os tempos. Para Toffler, estamos enfrentando a Terceira Onda.

Até agora a raça humana suportou duas grandes ondas de mudança, cada uma obliterando extensamente culturas ou civilizações e substituindo-as por modos de vidas inconcebíveis para os que vieram antes. A Primeira Onda de mudança – a revolução agrícola – levou milhares de anos para acabar. A Segunda Onda – o acesso da civilização industrial – durou uns poucos trezentos anos. Hoje a História é ainda mais acelerativa e é provável que a Terceira Onda atravesse a História e se complete em poucas décadas. (TOFFLER, 1999, p. 24).

A Terceira Onda, segundo Toffler, é altamente tecnológica e anti-industrial. Vem contrapondo a idéia do mundo controlador e totalitarista pregado por Huxley. Esta mudança na forma de viver baseia-se em fontes diversificadas e renováveis de energia, métodos de produção que tornam obsoletas as linhas de produção, que em *Admirável Mundo Novo* eram utilizados até na produção de seres humanos, em famílias não-nucleares, ou seja, sem líder, onde todos possam opinar. A casa é repleta de tecnologia, considerada uma “cabana eletrônica” por Toffler. Novos modelos de escolas e companhias, também um novo código de comportamento que vai além da padronização, sincronização e da centralização, tão defendidos no romance de Huxley. Esta nova civilização será desburocratizada, reduzirá o papel do estado-nação e gerará economias semi-autônomas, exigirá governos mais simples e objetivos, mais democráticos e eficazes. Esta mudança será necessária para que o esfacelamento de nossas famílias, o abalo da nossa economia, a paralisação de nossos sistemas políticos e o espedaçar de nossos valores não coloquem em risco o equilíbrio mundial. O autor diz ainda que os caminhos abertos para o poder em um

mundo que está em convulsão influenciam todos os aspectos da vida humana, das relações sexuais aos empregos que temos, da televisão que assistimos aos carros que dirigimos e até na esperança que cultivamos. Toffler coloca que “*somos o produto do poder*”, e por isso, sofremos os efeitos da desintegração desse poder, conflitos étnicos e raciais, crises econômicas e financeiras, desempregos tudo isso afeta o ser humano e coloca em risco a estabilidade. Huxley aponta um caminho de ordem e progresso a ser seguido onde tudo está sob controle, até mesmo o poder. O condicionamento e predestinação dominam toda a sociedade, em consequência, também a economia, finanças e toda máquina estatal. (TOFFLER, 1998, p. 44)

Para Toffler (1999, p. 30-31) os conflitos entre a geração da Segunda e Terceira Onda acontecem por que os guerrilheiros do passado industrial acreditam que os problemas mundiais podem ser resolvidos a longo prazo, já outras pessoas reconhecem que os problemas com comida, energia, ecologia, clima, pobreza, colapso da sociedade urbana, problemas da idade, doenças, necessidade de trabalho produtivo e compensador são urgentes e não podem ser resolvidos dentro da ordem industrial. No admirável mundo novo de Huxley, esses problemas foram facilmente resolvidos através de uma política autoritária do estado, condicionando as massas e controlando o número de habitantes do planeta.

. Conforme Huxley, a forma que o estado encontrou para dominar a sociedade foi o condicionamento, onde poucos detinham o conhecimento e subjugavam as classes inferiores, sem o uso do poder financeiro, político ou violência. Em *Powershift: As mudanças do poder*, Toffler descreve uma mudança profunda na natureza do poder. Para ele o poder gira em torno do controle social muito mais do que pelo domínio bélico e as três principais fontes de controle social são o conhecimento, a violência e a riqueza, ambos intrinsecamente ligados, onde violência e riqueza dependem do conhecimento. Toffler sugere que

“Nenhum gênio do passado - nem Sun Tzu, nem Maquiavel, nem o próprio Bacon – poderia ter imaginado a mais profunda powershift de hoje: o impressionante grau em que hoje tanto a força como riqueza passaram a depender do conhecimento. (TOFFLER, 1998, p.41).

Em *Admirável mundo novo*, o acesso ao conhecimento não é permitido e os cidadão só aprendem ou sabem o que lhes é imposto. Através desta atitude os

administradores mundiais conseguem manter toda a sociedade sob seu domínio. Sem uso da violência, como em algumas formas de governos atuais, e sem explorar a riqueza como forma de controle. Sendo assim, no modelo social previsto por Huxley, o detentor do conhecimento também é detentor do poder.

A onda de choque provocada pela revolução industrial destruiu modos de vidas arcaicos e reestruturou quase tudo que havia no mundo. Para as civilizações anteriores a revolução industrial, a terra era a principal fonte de sustento e trabalho. Para esses povos a terra era a base da economia, da vida, da cultura, da estrutura familiar e da política. Essas sociedades eram organizadas em torno de aldeias, prevalecia uma divisão simples de trabalho e as castas eram claramente definidas: uma nobreza, um sacerdócio, guerreiros, hilotas, escravos e servos. O poder era rigidamente autoritário e o nascimento determinava a posição dela na vida. A economia era descentralizada, toda comunidade produzia a maior parte do que consumia. A segunda onda ou Revolução Industrial separou violentamente dois aspectos até então intrinsecamente ligados, produção e consumo. Na sociedade anterior a revolução tudo que era produzido, era consumido pelos próprios produtores. Como na reserva de selvagens, exposta na obra de Huxley, onde o povo mantinha essa divisão de classes, produziam o seu próprio alimento e viviam em regime comunitário. (TOFFLER, 1999, p. 35 e 51).

Com a revolução industrial, o que parecia ser um domínio eterno da civilização agrícola veio abaixo. Muito além de chaminés e linhas de produção, a segunda onda foi uma contracivilização estranha, poderosa, energética, rica, multiforme que mexeu e atacou todos os aspectos da vida social da primeira onda. Foi o sistema social mais poderoso, coeso e expansivo que o mundo já conheceu. (TOFFLER, 1999, p. 36). Mas essa transição não foi pacífica. Houve lutas e conflitos sangrentos pela manutenção do poder. De um lado os fazendeiros querendo governar, de outro os industriais querendo tomá-lo. Com a vitória de exércitos que estavam do lado industrializado a segunda onda avançava estrondosamente. A passagem da sociedade atual para a sociedade condicionada do *Admirável mundo novo*, porém, não foi violenta, aliás, até tentaram, porém perceberam que através do condicionamento chegariam com êxito ao objetivo. Após o que chamam no livro de “A Guerra dos Nove Anos” e “O Grande Colapso Econômico”, tiveram que optar entre a destruição ou a Administração Mundial, entre a desordem e violência ou a

estabilidade. Tendo em vista o caos que o mundo se encontrava decidiram pela política da não violência. “– Governar é deliberar e não atacar. Governa-se com o cérebro e com as nádegas, nunca com os punhos.” (HUXLEY, 2009, p. 92).

A revolução industrial trouxe um novo princípio, o da concentração. Concentração de pessoas na zona urbana, de dinheiro, de energia, de recursos. A padronização, a sincronização, a centralização, a maximização e especialização são sinônimos dessa época de industrialização. Tudo funcionando em um único organismo gigantesco, hierárquico, permanente, compacto e burocrático, mecânico e especialista em produção de massa, semelhante à estrutura organizacional do estado descrito por Huxley. A terceira onda, porém traz um modelo social bem menos burocrático, onde as organizações têm menos hierarquias. (TOFFLER, 1999, p. 264). *Admirável mundo novo* descreve um modelo social semelhante ao da Revolução Industrial, ou Segunda Onda, onde a sociedade é mecânica e a comunidade é um único organismo, é compacta e voltada a produção em massa.

Como na sociedade condicionada apresentada por Huxley (2009, p. 342-343) o estado poderia diminuir a jornada semanal dos indivíduos. Porém, trabalhando apenas três ou quatro horas diárias levaria as pessoas a um estado ocioso. Aumentando o tempo livre, esses indivíduos não teriam o que fazer, haveria perturbação da ordem e aumento no consumo de droga, no caso o *soma*. Toda mudança excessiva causaria uma ameaça a estabilidade social, por isso o estado mantinha o horário de trabalho suficiente para que as pessoas na tivessem tempo para se dedicar a algo que alterasse o equilíbrio. O trabalho braçal é dispensável na economia futurista de Huxley, já que todo alimento poderia ser sintetizado e o *Departamento de Invenções* possui vários planos de economia de mão-obra, porém ele é visto como forma de manter a ordem e ocupar o tempo e a mente dos indivíduos. Toffler (1999, p. 367) cita que o emprego é crucial para o ser humano e vai muito além da idéia de trabalhar para se manter. Alcança um nível psicológico de organização estrutural através do qual a pessoa irá organizar toda sua vida, aplicando seu tempo e energia. A ausência de estrutura provoca um colapso na vida do cidadão. Uma pessoa jovem que não encontrou sua estrutura sente um profundo vazio e para preenchê-lo faz uso de drogas, nesse caso drogas ilícitas. A fuga através do vício cria uma estrutura, mesma que falsa, mas que dá um sentido à vida do indivíduo, substituindo a falta da estrutura em sua vida anterior. A solidão, o

declínio da civilização industrial, a perda da estrutura e a falência de valores abrem caminho a outro fenômeno social, o acesso aos cultos. Por que pessoas bem-sucedidas, inteligentes são atraídas por uma quantidade incalculável de cultos onde fazem grandes ofertas e dedicam sua vida as religiões? Essas pessoas são estáveis financeira e economicamente, porém são solitárias. Os cultos fornecem amizade e companhia. Compreendem também as necessidades para a comunidade, a estrutura e o significado. (TOFFLER, 1999, p. 368-369). Dessa forma suprem as necessidades de cada pessoa, mesmo que para isso, a pessoa tenha que pagar dízimo para participar dos rituais. Em nome de Deus, os mestres em seus templos magníficos apresentam um espetáculo que ludibria os seguidores. Com isso levantam fundos para ampliar seu negócio, já que trabalham e arrecadam em cima das deficiências sentimentais alheias, os cultos podem ser chamados de comércio. HUXLEY mostra uma forma diferente de culto, já que nessa sociedade a figura divina foi abolida, os indivíduos promovem uma verdadeira orgia. Chamada de *Cerimônia da Solidariedade*, esta celebração homenageava Ford e não Deus. Os membros se reuniam em um grande auditório, entoavam cânticos, bebiam *soma* e praticavam o sexo indiscriminadamente, tudo isso em nome da felicidade, já que um dos princípios dessa sociedade era a alegria. Esses cultos também servem como na sociedade atual, para preencher espaços vagos dentro de cada indivíduo. Cânticos religiosos, bebidas, discursos e calor humano provocam uma sensação de conforto e preenchimento. Assim, condicionando todos os cidadãos a uma única ideologia, o estado totalitário é capaz de produzir e controlar toda a massa de seres humanos, tratando-os como peças de uma máquina, ignorando seus sentimentos e opiniões, subvertendo valores e estabilizando por completo o meio social.

A transformação dos sentimentos humanos em sensações artificiais e uma profunda renovação nos conceitos e ideologias sociais levaram a sociedade a atingir o ponto máximo de estabilidade. O condicionamento fez com que o regime Fordiano atingisse seu objetivo de equilíbrio, transformando o pensamento livre em submissão, sem objeções e ditando regras que introduzidas psicologicamente, não podiam ser quebradas. Dessa forma estava criada a sociedade perfeita: sem crimes, doenças, sofrimentos, sem desordem, tudo estável, até em demasia.

CONCLUSÃO

A partir das análises realizadas, confrontando autores e idéias com a brilhante obra de Aldous Huxley, conclui-se que o domínio do conhecimento proporciona mais poder do que a força física e que o controle dos indivíduos pelo governo é capaz de moldar a sociedade e torná-la submissa e sem vontade ou poder de reação. Somente um cidadão crítico é capaz de atuar e agir em seu meio social e dessa forma transformar esse contexto, melhorando seu modo de vida e o de toda sociedade. Como vimos, se retirar do ser humano seu livre arbítrio, este se transformará em máquina e é facilmente controlado, e que, como na obra *Admirável mundo novo*, através do condicionamento, será transformado em uma peça da grande máquina chamada sociedade.

Nesse sentido, percebemos que Huxley alerta sobre os riscos de uma evolução científica desumanizadora, que subverte os valores pessoais e sociais. Pensar somente no desenvolvimento, sem levar em consideração valores éticos e morais, pode induzir o ser humano a sua autodestruição ou a viver sob um regime totalitário semelhante ao imposto por Ford na obra.

Conclui-se também que o regime totalitário anula também qualquer forma de individualidade e liberdade e que a predestinação forja um destino, anulando a liberdade de decisão e ação a que todo homem tem direito. O condicionamento impõe uma ideologia que o indivíduo é obrigado a seguir, sem poder de escolha ou reação. A manipulação científica da sociedade visa anular seu senso crítico e reacionário através do controle informação e métodos de condicionamento. Esse estado perfeito fornece tudo que o cidadão necessita: um deus, felicidade, emprego, ideologias e drogas e os seres humanos só precisam seguir viver, ou seja, seguir roteiro. A crítica de Huxley explora os benefícios e prejuízos que a Revolução Industrial.

Além dessas questões, este trabalho tentou facilitar a compreensão de formas de governo totalitaristas, bem como sua atuação controladora, seja pela violência ou por uma educação científica que aliene e condicione o ser social ao Estado, como no romance de Huxley.

É preciso atentar para uma leitura mais aprofundada da obra de Huxley, pois a um primeiro momento pode-se não perceber a crítica do autor, confundindo algumas colocações como mera história de ficção. Observa-se isso quando Huxley apresenta a forma como aconteceu a resolução dos problemas sociais. A um olhar desatento, se lê-se doença como moléstias patológicas e não como problemas sociais. Considerados doenças da sociedade, as relações familiares e afetivas, drogas, paixões, sentimentos, cultura, religião, criminalidade e qualquer forma de instabilidade política, econômica e social foram totalmente abolidas, a completa higiene eliminou esses problemas a fim de alcançar a estabilidade. Porém, investir em prevenção e educação é mais ético do que transformar homens em seres que apenas seguem o que lhes é imposto.

Espera-se através deste trabalho, transmitir o alerta de Huxley para os perigos que o progresso científico ilimitado possa exercer sobre o homem. Para que a sociedade não chegue a ponto de se tornar um “admirável mundo novo”, e que o Estado deva ser feito para o homem e não o homem ser moldado para o Estado.

GLOSSÁRIO

Behaviorismo: restrição da psicologia ao estudo objetivo dos estímulos e reações verificadas no físico, com desprezo total dos fatos anímicos.

Bokanovsky: processo pelo qual clonavam em série milhares de indivíduos, chegando a gerar dezesseis mil e doze seres idênticos.

Câncer: cigarro

Cartófel: batata

Crítchar: gritar

D.I.C.: Diretor de Incubação e Condicionamento.

Disgenia: condição do caráter que resultará em prejuízos para o patrimônio genético de gerações futuras. Na obra é usada para definir o

Eugenia: ciência que estuda as condições mais propícias à reprodução e melhoramento genético da espécie humana.

Ford: Henry Ford nasceu em 1863 e foi o criador da linha de montagem, processo de produção em série e fundador da marca de automóveis Ford.

Golósse: voz

Gúlover: cabeça

Hipnopedia: aprendizado ministrado durante o sono.

Lomtique: pedaço

Modelo T: marco da produção em série criado por Ford em 1908.

Nóga: pé, perna

Pavloviano: pertencente, relativo a, ou próprio de Ivan Ilitch Pavlov (1846-1936), fisiologista russo, famoso pela teoria dos reflexos condicionados. Método de ensino através de estímulo-resposta.

Píchtcha: comida

Rúquer, rúque: braço

Soma: considerada a droga perfeita. Foi criada por cientistas a pedido do Estado e não possuía contra indicações nem causava reações adversas, era comercializada legalmente.

Tchelovéque, veque: pessoa, homem

Técnica de Podsnap: processo que acelera a maturação dos óvulos, sendo possível obter em um espaço de dois anos pelo menos cento e cinquenta óvulos maduros

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, Luiz. **Aprendizagem** – O comportamentalismo. <Disponível em <http://www.alunos.di.ubi.pt/na14676/psicologia/condicionamento.pdf>.> Acesso em 22 set 2011.
- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. Tradução de Joaquim José de Moura Ramos. 3ª ed. Vila da Feira: Editorial Presença, 1980.
- BARTOLOMEU, Mauro Cesar; PREVIDE, Mauri Cruz. **“Eutopia” e “Distopia” no Brave new world, de Aldous Huxley**. < Disponível em http://www.pucsp.br/revistafronteiraz/números_anteriores/n4/download/pdf/admirável > Acesso em 13 set. 2011.
- BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Tradução Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2003.
- BURGESS, Anthony. **A laranja mecânica**. Tradução Nelson Dantas. 7ª ed. Brasil: Editora Artenova, 1977.
- DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**. De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução Paulo Neves; revisão da tradução Eduardo Brandão. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **Sociologia**. 9ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.
- FORACCHI, Marialice Mencarini; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro – LTC, 1994 (reimpressão).
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- _____. **Sociologia**. Tradução Sandra Regina Netz. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GUANESSHI, Pedrinho. **Sociologia crítica: alternativa de mudança**. 58ª ed. Porto Alegre. Mundo Jovem EDIPUCRS, 2005.
- GUIMARÃES, Rafael Eisinger. **Entre as chamas e as cinzas: repressão e massificação em Fahrenheit 451 de Ray Bradbury**. Artigo apresentado na 1ª Semana das Licenciaturas da Ajes. Juina, 2009.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**. Tradução Lino Vallandro e Vidal Serrano. São Paulo: Globo, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Sociologia Geral**. 7ª ed. rev. e amp. São Paulo: Atlas, 1999.

LARAIA, Roque de B. **Cultura**: um conceito antropológico. 22ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

MATOS, Eliane; PIRES, Denise. **Teorias administrativas e organização do trabalho**: de Taylor aos dias atuais, influências no setor saúde e na enfermagem. Texto contexto - enferm. Florianópolis, v. 15, n. 3, set. 2006. Avaliado por <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000300017&lng=en&nrm=isso <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-07072006000300017>.> Acesso em 22 Set. 2011.

MENEZES, Anderson de. **Teoria Geral do Estado**. Atualização por José Lindoso. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2005.

MENEZES, Vera. **Teoria Behaviorista-estrutural**. <Disponível em <http://www.veramenezes.com/behaviorismo.pdf>> Acesso em 22 set. 2011.

NOGUEIRA, Marco Aurélio. **Um estado para a sociedade civil**; temas éticos e políticos da gestão democrática. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ORWELL, George. **1984**. George Orwell. <Disponível em <http://www.megaupload.com/?d=KGCTOMFZ/pdf> >. Acesso em 26 set. 2011.

PLATÃO. **A República**. Tradução Pietro Nasseti. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2000.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

_____ **Leitura e realidade brasileira**. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

TOFFLER, Alvin. **A terceira onda**; tradução de João Távora. – 24ª tiragem. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____ **Criando uma nova civilização**: a política da terceira onda/ Alvin e Heidi Toffler. Tradução Alberto Lopes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____ **Powershift**: As mudanças do poder. Tradução de Luiz Carlos do Nascimento Silva. Revisão técnica de Marcus da Costa Moraes. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____ **Previsões e premissas**. Tradução de Ruy Jungmann. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

VERARDO, Luigi H. **Desemprego e autogestão**. Cad. Psicol. Soc. Trab. São Paulo, 2011. <Disponível em <http://www.pepsic:bvsalud.org/scielo.php?pdf>>. Acesso em 13 set. 2011.